

Espaço e Movimento

Uma nova sede para a
São Paulo Companhia de Dança

Caderno 1

Trabalho Final de Graduação
Faculdade de Arquitetura e Urbanismo
Universidade de São Paulo

Renan Luis Prado Ferreira

orientação
Marta Bogéa

Junho de 2019

Agradecimentos

Aos funcionários da São Paulo Companhia de Dança, da Oficina Cultural Oswald de Andrade e do Arquivo Histórico Municipal, pelo empenho e atenção.

À Marta Bogéa, pela orientação deste trabalho e além.

Ao Antonio Carlos Barossi e Francisco Fanucci, pelo aceite ao convite de participação da banca.

Aos professores, funcionários e colegas da FAUUSP, da Universidade do Porto, da De Montfort University e da Universidade Federal de Viçosa, pelo aprendizado, dedicação e companhia ao longo desta caminhada inesquecível.

Aos colegas da Revista Contraste, pelo sonho concretizado.

Aos sócios e colegas do 23 Sul, pela oportunidade e confiança.

Aos amigos, pelos momentos de alegria e de amparo.

Aos familiares, pela presença.

Ao meu irmão Paulo, pela inspiração.

À Victória, pelas conversas e compreensão; pelo companheirismo e amor de todos os dias.

Aos meus pais Roberto e Geni, aos quais dedico este trabalho e toda a minha graduação.

Caderno 1

Introdução	06
Bom Retiro	20
Histórico	21
Rua Três Rios	24
Oficina Cultural Oswald de Andrade	26
Casa do Povo	32
Transformação	34
São Paulo Companhia de Dança	38
Companhia	39
Sede Atual	43
Projeto do Complexo Cultural Luz	50
Resguardo pela demanda e a urbanidade pela cultura	54
Espaço e Movimento	56
Percepção	58
Desejo	59
Aberturas, Percursos e Geometrizações	61
Projeto	70
Contexto	74
Articulação	74
Implantação	78
Percursos	80
Arquitetura e Movimento	82
Referências	84

Introdução

Este trabalho apresenta o desenvolvimento de um projeto de arquitetura para uma nova sede da São Paulo Companhia de Dança. O Projeto é o desdobramento de estudos sobre a Companhia e o contexto urbano em que se encontra, tendo como suporte uma ideia de relação conceitual entre espaço e movimento dentro do processo do projeto de arquitetura.

O primeiro passo foi estabelecer um contato com a Companhia e aqueles que ali trabalham cotidianamente, observar e entender suas atividades e demandas. A partir das visitas, conversas, troca de mensagens e estudos, o programa básico de um novo edifício logo foi definido. A busca por um espaço onde este programa pudesse ser desenhado teve relação direta com os percursos feitos em cada visita ao distrito do Bom Retiro e à Oficina Cultural Oswald de Andrade, perpassando ruas, o comércio local e outras instituições, como a Casa do Povo e o Arquivo Histórico Municipal. Assim ficou definido estudar sobre o Bom Retiro, especialmente as áreas próximas à Rua Três Rios.

Concomitante ao processo de definição do programa e local, houve o desenvolvimento de estudos de projetos de arquitetura e as estratégias espaciais neles utilizadas, muitas vezes relacionadas aos movimentos - dos corpos e da arquitetura.

A apresentação do trabalho neste caderno, entendido com produto final, é organizado de forma a apresentar o objeto de estudo em escala crescente, partindo, de uma visão mais ampla do distrito do Bom Retiro para chegar às questões particulares da São Paulo Companhia de Dança, culminando no projeto de arquitetura, razão deste trabalho.

7

As imagens a seguir (1 a 13) são fotografias do autor feitas ao longo do percurso entre a estação Tiradentes do Metrô e a Oficina Cultural Oswald de Andrade. O mapeamento delas pode ser visto no Caderno 2, junto à Planta de Situação.

























Bom Retiro

Histórico

Segundo Hilário Dertônio¹, de um local de chácaras, o Bom Retiro desenvolveu-se para um bairro operário, principalmente a partir do século XIX, com a construção da Olaria Manfred pelo empresário Manfred Meyer. O capitalista também abriu ruas e loteou o bairro.²

A Olaria utilizava como matéria-prima a argila da várzea, e deste ponto fica evidente uma das razões para o desenvolvimento do bairro: a proximidade às margens do Tietê, mas não só: O bairro, ao mesmo tempo que possui o rio como limítrofe ao norte, tem ao sul a linha férrea da então São Paulo Railway, inaugurada em 1867. O Bom Retiro então se tornou uma espécie de bairro com armazéns de depósitos de mercadorias que desembarcavam na Estação da Luz e, ao longo do tempo, de indústria de transformação destes materiais. Isto levou à ocupação do bairro por operários, muitas vezes imigrantes.³

Ainda segundo Dertônio, a imigração do bairro pode ser resumida em três diferentes etapas:

Entre 1870 e 1890 houve a ocupação do bairro por imigrantes predominantemente portugueses, entre 1900 e 1940 por italianos, entre 1950 e 1970 por israelitas.⁴

Hoje, o distrito mantém a ocupação por comunidades de imigrantes, entre eles bolivianos, coreanos e judeus. Esta ocupação se reflete em parte do comércio local. O distrito também possui ruas com intenso comércio têxtil, como a Rua José Paulino.

1 DERTÔNIO, Hilário. *O bairro do Bom Retiro Série História dos Bairros de São Paulo*, v.9, São Paulo, 1971.

2 DERTÔNIO, Hilário. Op. cit., p.12

3 DERTÔNIO, Hilário. Op. cit., p.13

4 DERTÔNIO, Hilário. Op. cit., p.22

Rua Três Rios

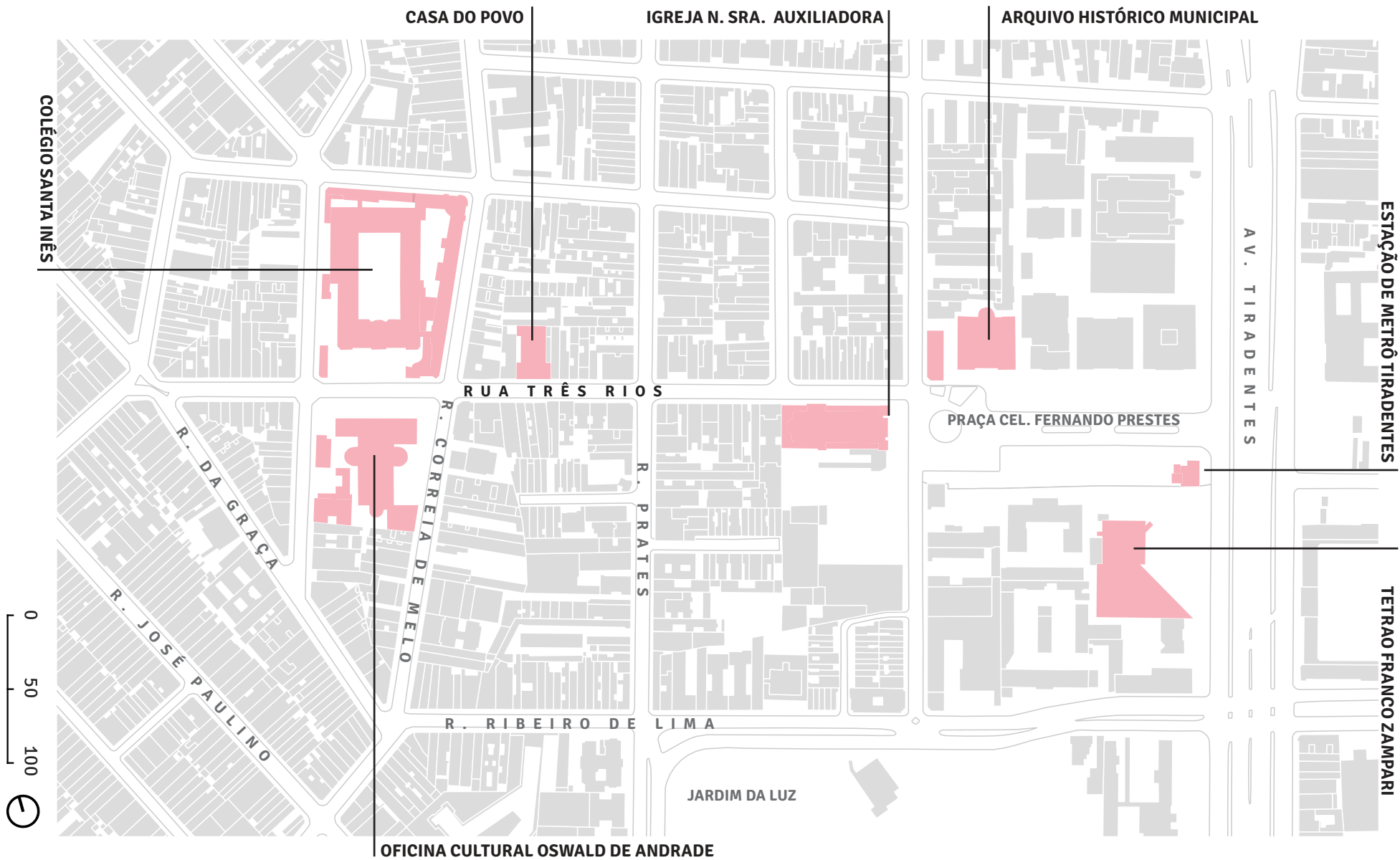
Dertônio também fala especificamente da Rua Três Rios, aberta em 1880:

“A rua sempre foi uma manifestação de religiosidade e de intelectualidade.

Da religiosidade porque numa das pontas tinha um templo católico que mais tarde viria a ser a Igreja Nossa Senhora Auxiliadora e, no ponto médio da rua, um convento de freiras salesianas, as do Colégio Santa Inês.

Da intelectualidade porque, além dêsse Colégio Santa Inês, dirigido por freiras, alcançou ter, em 1893, a Escola Politécnica e, em 1905, a Escola de Farmácia e Odontologia, onde o povo do bairro ia “chubar os dentes”. Hoje tem mais uma Escola Israelita-Brasileira, com um anexo teatro e a redação de um jornal, A Época.”⁵

A Escola Politécnica hoje recebe o Arquivo Histórico Municipal. O quarteirão em sua frente foi desapropriado em 1925 pela Prefeitura para a criação da Praça Coronel Fernando Prestes, o que encurtou a Rua Três Rios, tendo uma de suas extremidades encerradas hoje junto à Rua Afonso Pena. O edifício da Escola Israelita-Brasileira hoje sedia a Casa do Povo. A Escola de Farmácia e Odontologia hoje é uma das sedes das Oficinas Culturais, nomeada Cultural Oswald de Andrade desde 1988, quando foi restaurado e adaptado pela Secretaria do Estado da Cultura.



CASA DO POVO

IGREJA N. SRA. AUXILIADORA

ARQUIVO HISTÓRICO MUNICIPAL

COLEGIO SANTA INÊS

RUA TRÊS RIOS

PRAÇA CEL. FERNANDO PRESTES

AV. TIRADENTES

ESTAÇÃO DE METRÔ TIRADENTES

TETRAO FRANCO ZAMPARI



JARDIM DA LUZ

OFICINA CULTURAL OSWALD DE ANDRADE

Oficina Cultural Oswald de Andrade

A Oficina Cultural Oswald de Andrade é o edifício onde hoje se encontra uma das sedes das Oficinas Culturais e a São Paulo Companhia de Dança. Foi tombado pela CONDEPHAAT (Conselho de Defesa do Patrimônio Histórico, Arqueológico, Artístico e Turístico) em 1982¹ e pelo Conpresp (Conselho Municipal de Preservação do Patrimônio Histórico, Cultural e Ambiental da Cidade de São Paulo) em 1991², tendo definida como área envoltória todos os lotes da quadra onde se encontra.

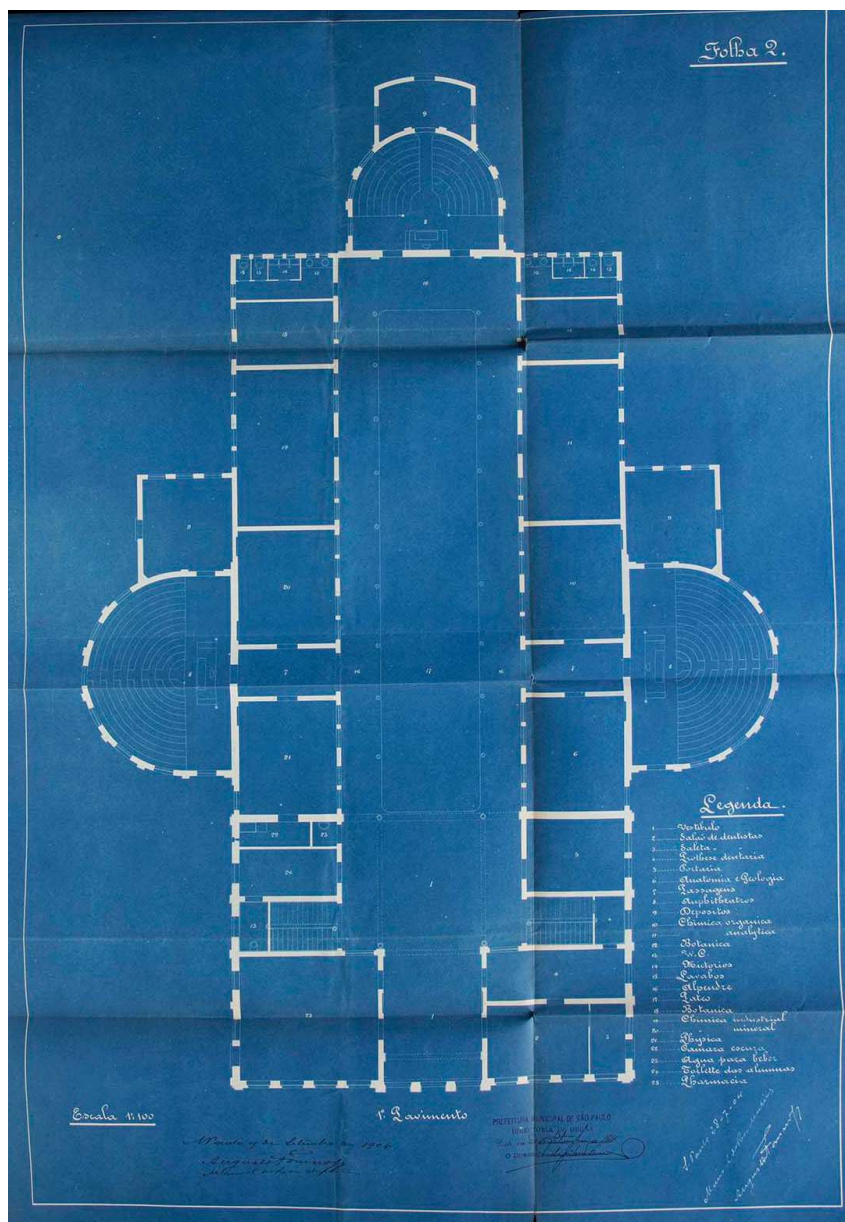
Fundada em 1898, a Escola Livre de Pharmacia iniciou oficialmente o ensino superior da atividade farmacêutica em São Paulo. A partir de 1902, incorpora em seu currículo e nome as cadeiras de Odontologia e Obstetrícia. Assim se deu a necessidade de ampliação dos espaços da Escola e a compra pelo Governo do Estado do terreno anteriormente pertencente à Chácara Dulley.

Inaugurado em 1905, o novo edifício foi projetado pelo escritório Rosa Martins e Fomm, traz forte influência neoclássica e é “ponto de referência da renovação urbana da virada do século XIX para o XX e elemento característico do patrimônio ambiental urbano da Região da Luz” (Condephaat).

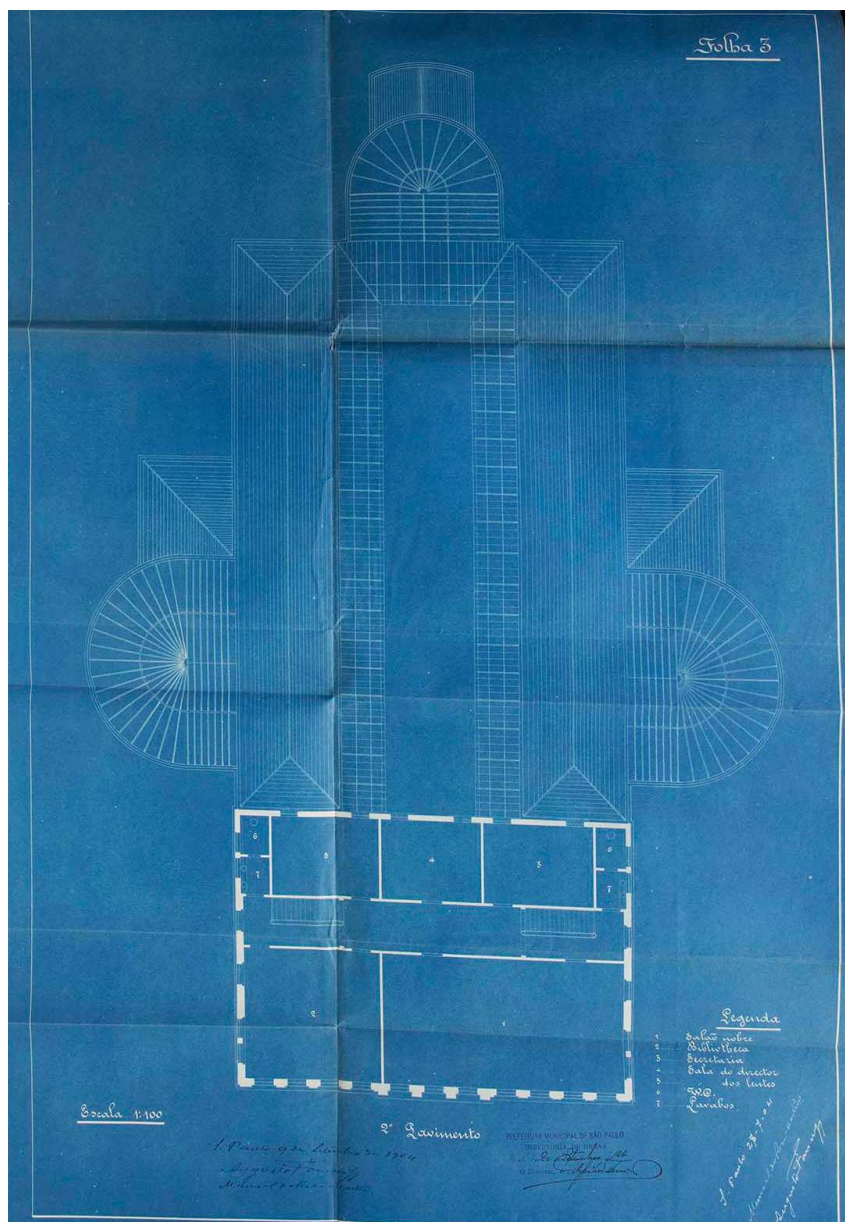
Ao longo dos anos, sofreu diversas ampliações, sendo a maior delas em 1937, no qual o pátio interno recebeu um novo pavimento (onde hoje se instala parte da SPCD) e uma cobertura, além da construção de novos blocos (hoje, um total de cinco). É um das sedes das Oficinas Culturais desde 1988, quando foi restaurado e adaptado pela Secretaria do Estado da Cultura.

1 Disponível em: <http://condephaat.sp.gov.br/benstombados/oficina-cultural-oswald-de-andrade/>

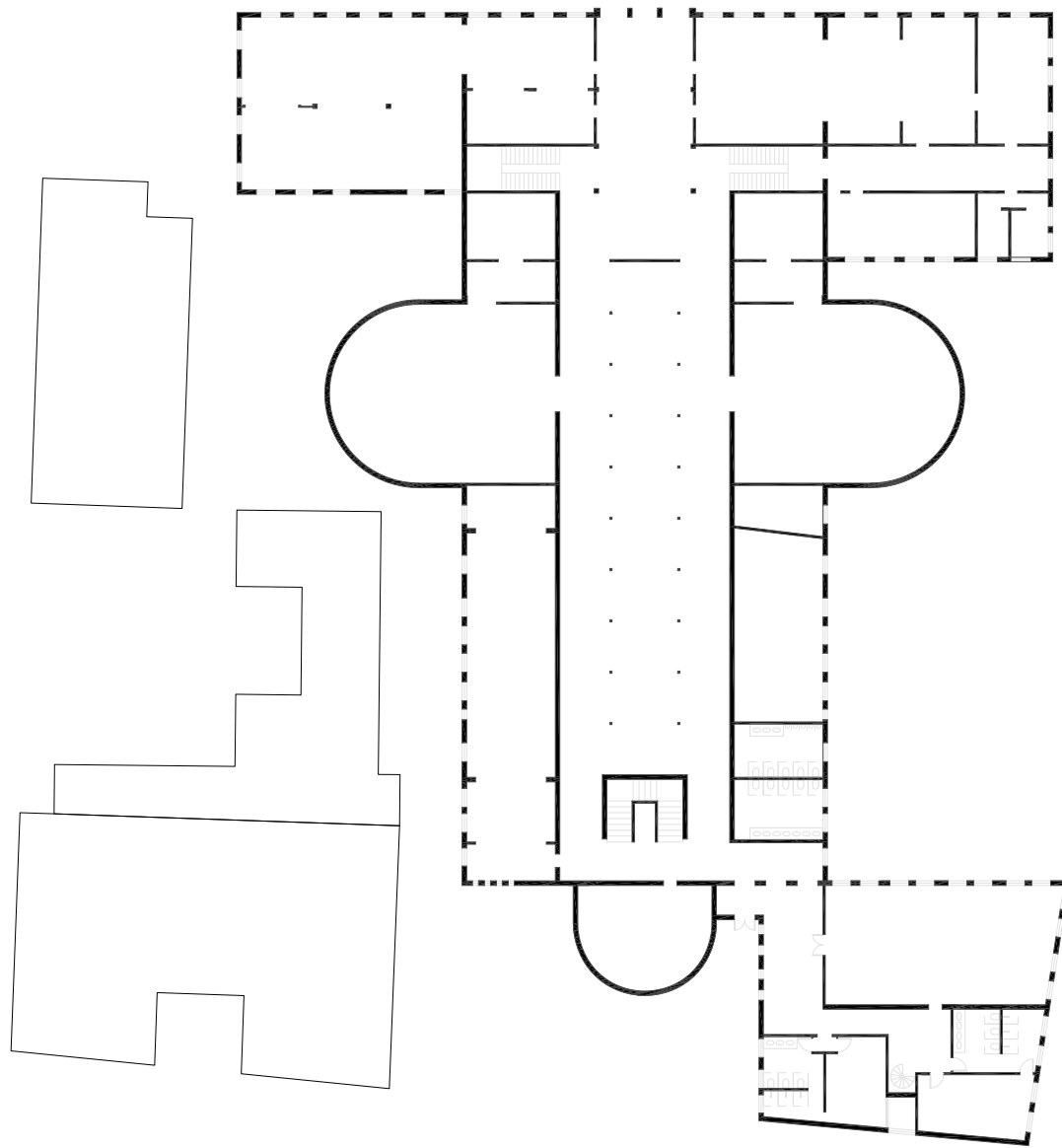
2 Disponível em: https://www.prefeitura.sp.gov.br/cidade/upload/Re-2715RAEAntigaFaculdadedeFarmaciaOdontologiaPDF_1447867997.pdf



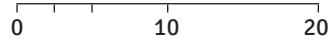
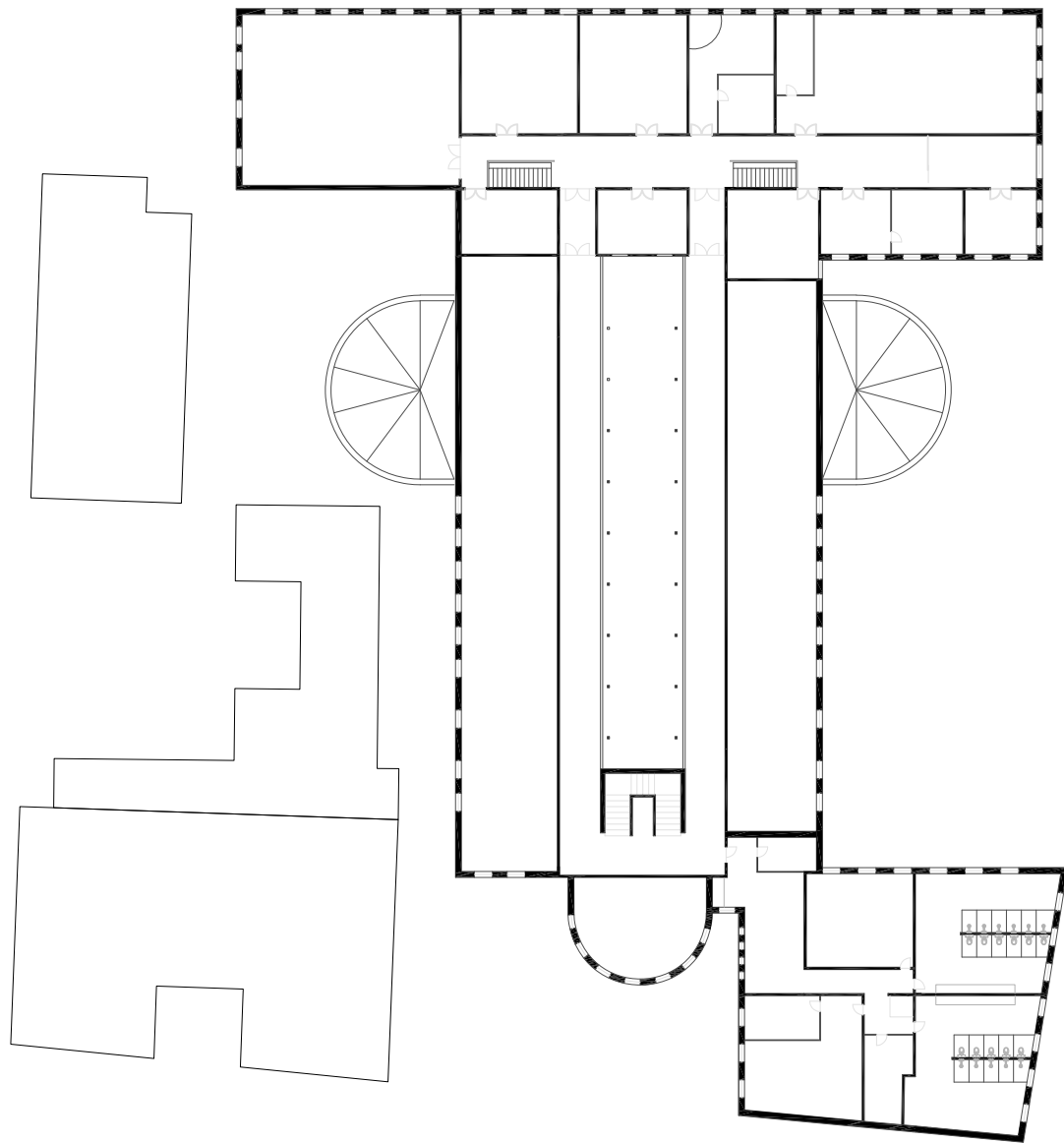
Arquivo Histórico Municipal. Projeto para Escola de Pharmácia de São Paulo. Planta Nível Térreo.



Arquivo Histórico Municipal. Projeto para Escola de Pharmácia de São Paulo.
Planta Primeiro Pavimento.



Oficina Cultural Oswald de Andrade. Planta Térreo.



Oficina Cultural Oswald de Andrade. Planta Primeiro Pavimento.

Casa do Povo¹

Após a Segunda Guerra Mundial, surge o Instituto Cultural Israelita Brasileiro, uma associação cultural judaica. Seu edifício, a Casa do Povo, foi inaugurado em 1953, a partir do projeto de Ernest Robert de Carvalho Mange² e seu escritório Martins, Engel e Mange.

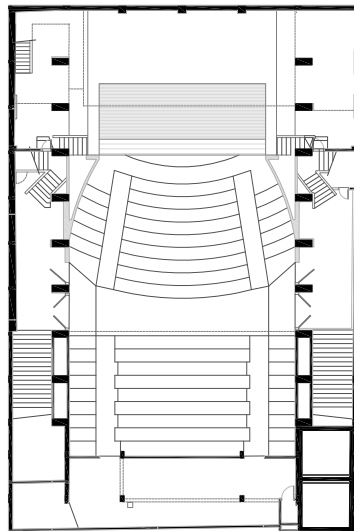
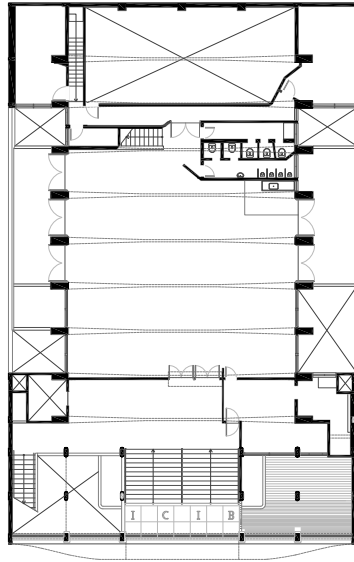
A inauguração do nomeado Teatro de Arte Israelita Brasileiro (TAIB) ocorreu em 1960, no subsolo do edifício, em projeto de reforma do arquiteto Jorge Wilhelm. Posteriormente, o espaço acolheu o Teatro Popular do Sesi (TPS). O edifício também acolheu o Ginásio Israelita Scholem Aleichem (GIBSA) e diversos eventos culturais.

Com o intenso processo de esvaziamento do centro de São Paulo a partir do final dos anos 60, a comunidade judaica começa a migrar do Bom Retiro para outros bairros, como Higienópolis. Ao mesmo tempo, o TPS é realocado para a Avenida Paulista. Assim, o ICIB começa a entrar num processo de crise, ao ponto do GIBSA encerrar suas atividades em 1981.

A partir dos anos 2000, inicia-se, pela comunidade judaica, um processo de recuperação do edifício. Hoje, a Casa do Povo é um Centro Cultural habitado que grupos, movimentos e coletivos.

1 Fonte: SZKLO, Ilan. *Casa do Povo - reocupação e projeto no bom retiro*. Trabalho Final de Graduação. FAUUSP, 2013. Ver em: https://issuu.com/ilanszklo/docs/casa_do_povo_-_reocupa_____o_e_proje

2 Engenheiro-Arquiteto, artista plástico e professor da Faculdade de Arquitetura e Urbanismo da Universidade de São Paulo, Mangé trabalhou na obra da Unité d'Habitación em Marselha - projeto de Le Corbusier - entre 1947 e 1948. Neste período, o arquiteto já estava encarregado do projeto do ICIB.



Casa do Povo. Planta Pavimento Térreo e Subsolo (Auditório). Levantamento realizado e cedido pelo Grupo de Trabalho da Casa do Povo, composto por André Vainer, Silvio Oksman, Ilan Szklo, Marcella Oliveira e Marco Scriboni.

Transformação

Segundo Liziane Manglini¹, as transformações ocorridas no Bom Retiro entre os anos 1930 e 1954 tiveram como sentido predominante a compactação do bairro a partir de reformas e aumento da área construída de lotes já existentes, além de demolição para novas construções. Ocorreram muitas transformações em pequenas escalas, em especial nos cortiços, vilas residenciais, pequenos estabelecimentos comerciais, indústrias de fundo de quintal, etc. A introdução de novas construções verticalizadas se deram pontualmente, em especial nas áreas onde judeus se instalaram.

É possível observar ao longo da última década transformações no bairro com a introdução de novos edifícios com alta taxa de ocupação. Ao mesmo tempo, muitos desses edifícios não possuem o uso comercial no pavimento térreo, tão vinculada à vitalidade reconhecida das ruas do bairro.

Mostra-se aqui, como exemplo a transformação nos últimos dez anos da quadra vizinha simultaneamente à Casa do Povo e às Oficinas Culturais Oswald de Andrade. A quadra passou por transformações que incluem a demolição de galpões em seu miolo de quadra, a construção de galpões em antigo estacionamento a céu aberto, a demolição de antigas casas operárias e remembramento dos lotes para posterior construção de edifício comercial de grande área, a demolição de um posto de gasolina para construção de um edifício de serviços, etc.

Entende-se, portanto, que a reconfiguração dos lotes e construções é processo inerente à transformação da quadra do bairro do Bom Retiro, do mesmo modo que é para todo centro de São Paulo.

1 MANGLINI, Liziane. *Transformações e Permanências no Bairro do Bom Retiro, SP (1930-1954)*. Dissertação de Mestrado: EESC/USP, 2009.

2008/12



Casa do Povo

Oficina Cultural Oswald de Andrade

A

2014/11



Casa do Povo

Oficina Cultural Oswald de Andrade

B

2018/05



Casa do Povo

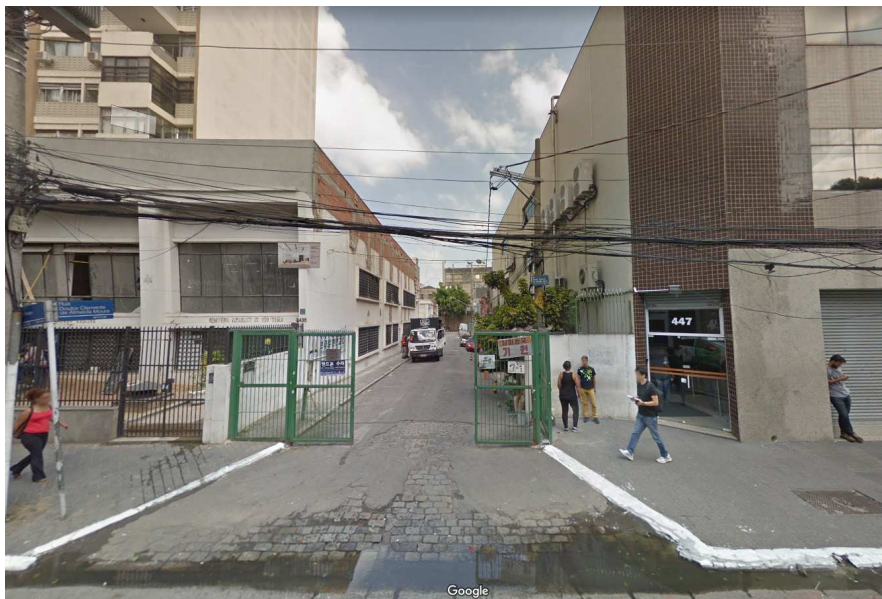
Oficina Cultural Oswald de Andrade



A - 2010/01 B

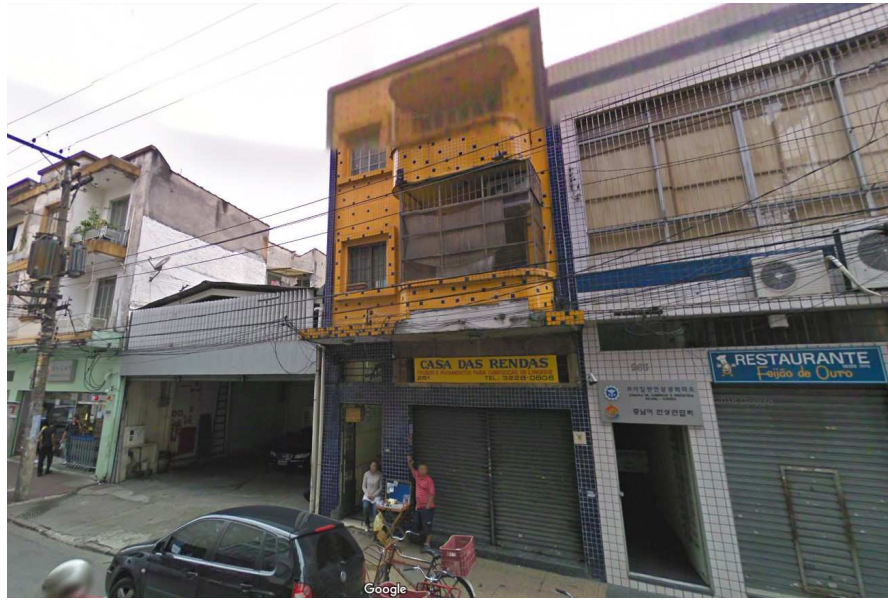


A - 2014/12 B

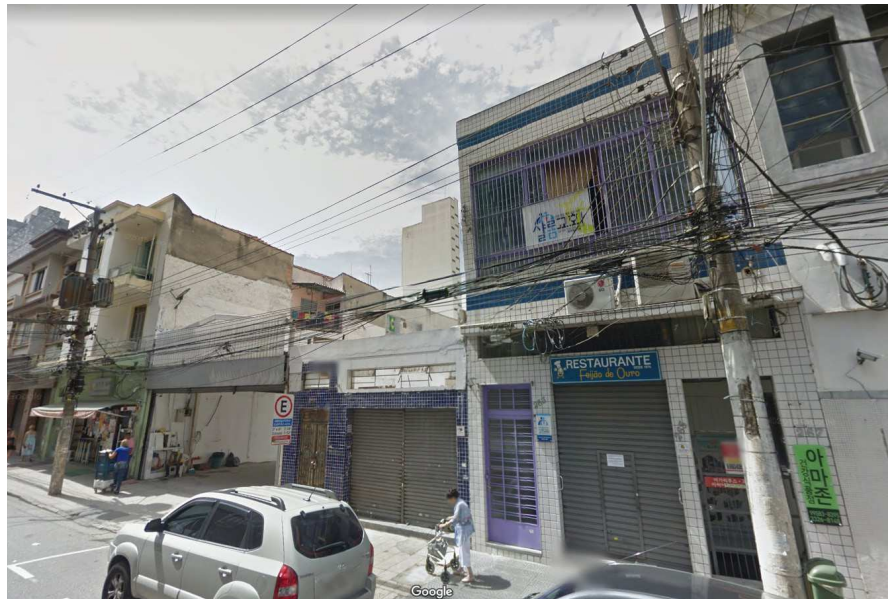


A - 2018/02 B

1 B - 2010/01

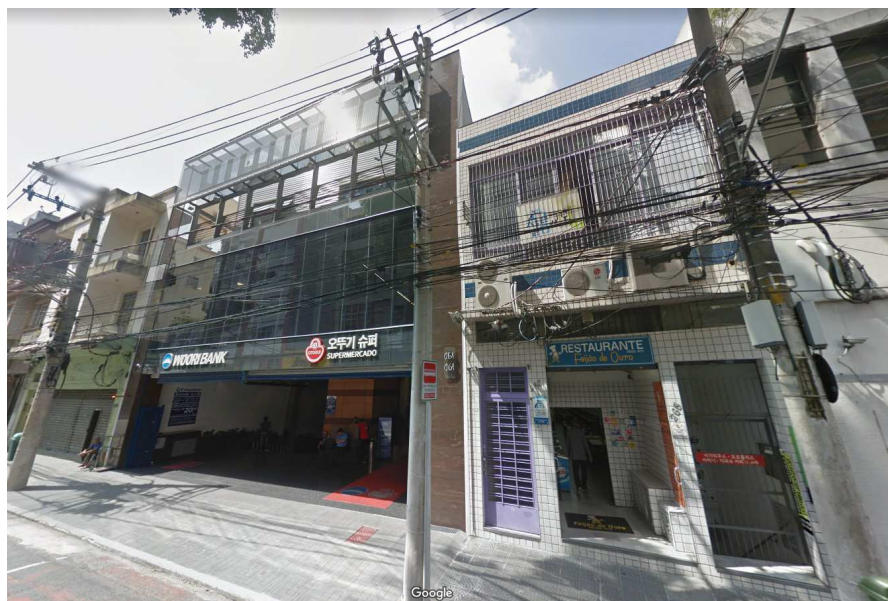


2 B - 2014/12



37

2 B - 2018/02



São Paulo Companhia de Dança

Companhia

A São Paulo Companhia de Dança (SPCD) foi criada em 2008. Trata-se hoje de um corpo artístico pertencente à Secretaria Criativa do Governo do Estado de São Paulo e gerida pela Associação Pró-Dança - organização social da cultura.¹ Portanto, possui caráter público. Tem hoje como diretora executiva e artística Inês Bogéa.²

A Companhia possui três eixos de trabalho, apresentadas a seguir: Produção, Educação e Memória.

Produção

Produção é o principal eixo da SPCD. O núcleo da Companhia está na difusão da dança, produção e circulação de espetáculos. “É uma companhia de repertório, ou seja, realiza montagens de excelência artística, que incluem trabalhos dos séculos 19, 20 e 21 de grandes peças clássicas e modernas a obras contemporâneas especialmente criadas por coreógrafos nacionais e internacionais”, segundo a própria Companhia. A SPCD apresenta espetáculos de dança por todo o país e o mundo, tendo sido assistida por mais de 600 mil pessoas em centenas de cidades de dezenas de países.³

Junto aos espetáculos, a SPCD produz Programas de Sala, publicações impressas que contém informações sobre as obras apresen-

1 A Associação Pró-Dança (APD) foi criada em junho de 2009, tendo sido qualificada como organização social da cultura, em 30 de outubro de 2009, conforme ato publicado no Diário Oficial nº. 204, de 31 de outubro de 2009, p. 01

2 Inês Bogéa é doutora em Artes (Unicamp, 2007), bailarina, documentarista, escritora e professora no curso de especialização Arte na Educação: Teoria e Prática da Universidade de São Paulo (USP). De 1989 a 2001, foi bailarina do Grupo Corpo (Belo Horizonte). Foi crítica de dança da Folha de S. Paulo de 2001 a 2007. É autora de diversos livros infantis e organizadora de várias obras literárias. Na área de arte-educação foi consultora da Escola de Teatro e Dança Fafi (2003-2004) e consultora do Programa Fábricas de Cultura da Secretaria de Estado da Cultura de São Paulo (2007-2008). É autora de mais de 40 documentários sobre dança. São Paulo Companhia de Dança. Ver em: http://www.spcd.com.br/direcao_artistica.php

3 São Paulo Companhia de Dança. Ver em: <http://www.spcd.com.br/historico.php>

tadas, de forma a contextualizá-la do ponto de vista histórico e dos artistas criadores, com informações que servem de referência à pesquisadores, estudantes, educadores e demais interessados.

Educação

A São Paulo Companhia de Dança possui e organiza uma série de projetos, atividades e eventos que fazem parte de seu eixo educativo e visam expandir a cultura da dança, bem como aprofundá-la. Dentre os programas, encontram-se:

- Espetáculos gratuitos para estudantes e “Terceira Idade”: Nesses, a “plateia conhece de perto o processo de criação e montagem dos espetáculos da Companhia. Além de assistirem a apresentação de coreografias da temporada, conhecem os bastidores da cena (...). O material impresso, produzido especialmente para o projeto (...) é feito para tornar as informações acessíveis e lúdicas.”⁴
- Palestra para os Educadores: “É um programa de encontros preparatórios, (...) que relaciona a dança com outras áreas do conhecimento e ressalta como essa arte pode ser utilizada como elemento educativo e sensibilizador. Cada palestra, que também conta com a exibição de um documentário, é uma ocasião de diálogo direto entre o educador e a Companhia. (...) De 2008 a 2015, seis documentários foram produzidos especialmente para esta ação”.⁵
- Oficinas de Dança: as Oficinas - Técnica de Balé Clássico e Repertório em Movimento, são ministradas por professores e ensaiadores da Companhia. Nas aulas de balé clássico, os alunos conhecem um panorama da técnica de balé usada em uma companhia profissional. Na oficina Repertório em Movimento, eles aprendem trechos de obras do repertório da SPCD.⁶

4 São Paulo Companhia de Dança. Ver em: http://www.spcd.com.br/espeticulo_gratuito_para_estudantes_e_terceira_idade.php

5 São Paulo Companhia de Dança. Ver em: http://www.spcd.com.br/palestra_para_os_educadores.php

6 São Paulo Companhia de Dança. Ver em: http://www.spcd.com.br/oficinas_de_danca.php

- Seminário Internacional de Dança: Com foco em discutir a Dança em suas diferentes frentes - produção de companhias internacionais, programação e atividades de formação de plateia - a ação engloba conferências, mesas redondas, encontros temáticos e espetáculos de dança de companhias profissionais.⁷
- Ateliê Internacional SPCD: Durante o Ateliê, são desenvolvidas atividades de pesquisa, fomento e formação de profissionais da dança e tem por objetivo promover um estudo teórico-prático de técnicas de dança e de métodos necessários à formação do bailarino. Até hoje, foram realizadas três edições.⁸

7 São Paulo Companhia de Dança. Ver em: http://www.spcd.com.br/seminario_internacional_de_danca.php

8 São Paulo Companhia de Dança. Ver em: http://www.spcd.com.br/atelie_apresentacao_2017.php



Fernanda Kirmayr, O Lago dos Cisnes - Ato 2, 2017

Memória

A SPCD conserva e torna público acervos ligadas à Dança. Um trabalho desenvolvido dentro dos seguintes programas:

- Dança em Rede: “Uma enciclopédia da dança online e colaborativa disponível no site da Companhia.” Esta enciclopédia se expande à cada cidade visitada pela Companhia, pois junto aos espetáculos, realiza mapeamentos da Dança local.⁹
- Figuras da Dança: Uma série de documentários que resgata a histórias da Dança a partir da biografia de profissionais ligados a ela. Composta por depoimentos e imagens, já foram produzidos ao menos 34 episódios. Além da exibição em canais fechados de televisão, a série é publicada em mídia física.¹⁰
- Dança em Construção (Canteiro de Obras): Com o objetivo de “registrar sua trajetória e potencializar a reflexão sobre os processos de criação e de produção em dança no país”, o “Dança em Construção” é um documentário com o registro de bastidores dos projetos desenvolvidos pela SPCD.¹¹
- Livros de Ensaio: Imagens capturadas pelos fotógrafos da Companhia ilustram textos escritos por “artistas de diferentes áreas para pensar e refletir sobre a arte da dança e suas vertentes, lançando também um olhar para SPCD.” Desde 2009 foram lançados seis títulos.¹²
- Exposições Fotográficas: A partir da linguagem da fotografia, registradas durante as atividades da SPCD, a Companhia desenvolve exposições fotográficas com o intuito de expandir o contato da sociedade com a dança.¹³

9 São Paulo Companhia de Dança. Ver em: http://www.spcd.com.br/danca_em_rede/

10 São Paulo Companhia de Dança. Ver em: http://www.spcd.com.br/danca_em_construcao.php

11 São Paulo Companhia de Dança. Ver em: http://www.spcd.com.br/danca_em_construcao.php

12 São Paulo Companhia de Dança. Ver em: http://www.spcd.com.br/livro_de_ensaios.php

13 São Paulo Companhia de Dança. Ver em: http://www.spcd.com.br/exposicoes_fotograficas.php

A São Paulo Companhia de Dança é composta atualmente por 60 pessoas, que trabalham nas seguintes atividades:

atividade	nº funcionários
SPCD - Recursos Humanos	60
Ensaio	35
Direção e assistência	2
Superintendência	2
Administrativo	7
Educação e Comunicação	4
Técnica e Produção	8
Memória	1
Recepção	1

Quadro de funcionários da SPCD. Fonte: acesso restrito.

Sede Atual

43

Ao longo do desenvolvimento do trabalho, ocorreram visitas à sede da Companhia. Desde sua criação em 2008, a SPCD encontra-se instalada junto à Oficina Cultural Oswald de Andrade (OCA), na Rua Três Rios, no Bom Retiro. As salas da Companhia são organizada em dois diferentes núcleos. A Companhia ainda informou a existência de um terceiro espaço dentro da OCA, onde são armazenados equipamentos de iluminação e som. Foi informado também que a Companhia aluga um galpão (local não identificado) para produção e armazenamento de cenários.

As atuais instalações demonstram a capacidade da SPCD em se adaptar às condições existentes, graças à experiência de sua equipe, que fazem da Companhia, a partir de todas as suas atividades, "um lugar de encontro dos mais diversos artistas para que se possa pensar em um projeto brasileiro de dança".¹⁴

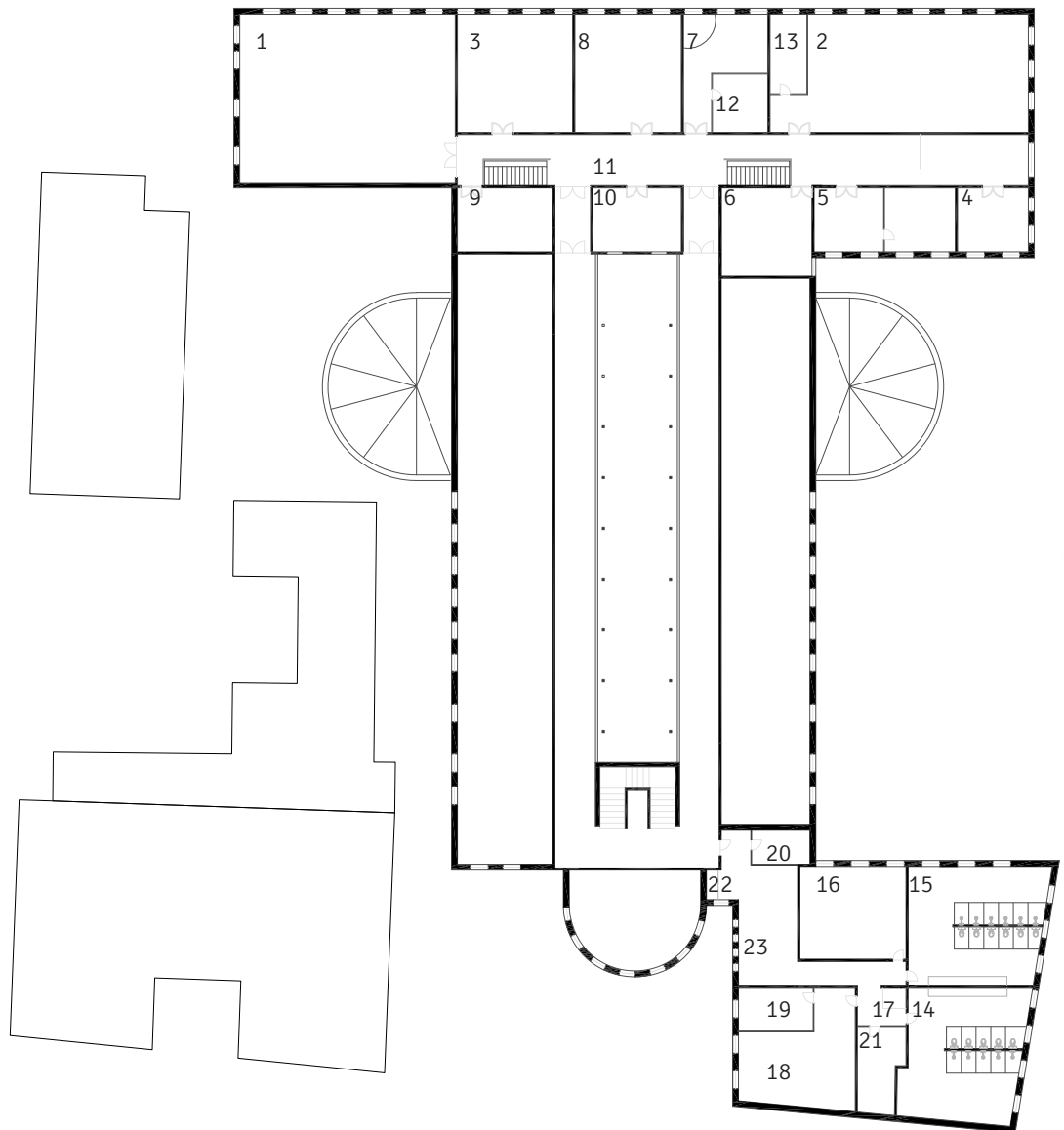
14 SP Estado da Cultura. Ver em: <http://www.estadodacultura.sp.gov.br/ agente/157/>

num.	ambiente	área (m ²)
Oficina Cultural Oswald de Andrade - Núcleo 1		560
1	Ensaio 1 (11,20 x 12m)	132
2	Ensaio 2 (8 x 12m)	96
3	Palestras (7 x 7m)	49
4	Diretoria e assistente de direção	22
5	Superintendência (+ Reunião)	44
6	Administração	39
7	Ensaiaadores/Coreógrafos	15
8	Educação e Comunicação / Técnico e Produção	72
9	Memória	30
10	Reunião	28
11	Recepção / Corredor	
12	Servidor	20
13	Fisioterapia 1	13

44

Oficina Cultural Oswald de Andrade - Núcleo 2		318
14	Vestiário Feminino	73
15	Vestiário Masculino	73
16	Sala de figurino / Costura	45
17	Lavanderia	2
18	Depósito Figurino	48
19	Almoxarifado	15
20	Fisioterapia 2	9
21	Depósito	17
22	Cozinha	4
23	Área de Convivência	32

Outras Salas e Espaços		323
-	Depósito de equipamentos de iluminação e som	73
-	Galpão Alugado para armazenamento de cenário	250



Planta Segundo Pavimento da Oficina Cultural Oswald de Andrade. Espaços da São Paulo Companhia de Dança atualizados a partir de levantamento publicado em AGUADO, Cindy. *Dança e Conforto Ambiental - O Projeto do ambiente de ensaio*. Trabalho Final de Graduação. FAUUSP, 2015.



Fotografia do autor. Corredor do Núcleo I, 2018



Fotografia do autor. Sala de Ensaio 1, 2018.



Fotografia do autor. Sala de Ensaio 2, 2018.



Fotografia do autor. Corredor de ligação entre os dois núcleos da Companhia, 2018.



Fotografia do autor. Área de descanso, 2018.



Fotografia do autor. Sala de figurino / Costura, 2018.

Projeto do Complexo Cultural Luz

Durante seus 10 anos, a São Paulo Companhia de Dança recebeu um projeto de uma nova sede, nomeado Complexo Cultural Luz.

O Complexo Cultural Luz foi um projeto apresentado em 2012 pelo Governo do Estado de São Paulo. Tratava-se de “um dos mais importantes centros destinados às artes do espetáculo do país, feito especialmente para apresentações de dança, música e ópera.” Seria também “peça-chave da proposta de requalificação da região da Nova Luz, estimulando a ocupação residencial e de comércio.”¹

1 Governo do Estado de São Paulo. Ver em: <http://www.saopaulo.sp.gov.br/spnoticias/ultimas-noticias/governo-apresenta-projeto-do-complexo-cultural-luz-1/>



Centro Cultural Luz, Herzong & de Meuron, 2012

O complexo seria a nova sede da Escola de Música do Estado de São Paulo - Tom Jobim e da São Paulo Companhia de Dança, abrigando diferentes equipamentos culturais, criados especificamente para cada tipo de arte cênica.

O projeto de arquitetura foi feito pelos arquitetos suíços do escritório Herzog & De Meuron, escolhidos pela “expertise no projeto de empreendimentos culturais de grande porte, como o Tate Modern (Londres) e os Museus de Arte Moderna de Miami (EUA), Guadalajara (México) e Kolkata (Índia).” Foram concebidos 70 mil m² de área construída, dividida em cinco andares, em um terreno de 19 mil m² - uma quadra urbana delimitada pela Praça Júlio Prestes, Avenida Rio Branco, Av. Duque de Caxias e Rua Helvétia - onde antes já funcionou o Terminal Rodoviário da Luz.^{1,2}

No programa do projeto do complexo, previu-se três teatros. “uma sala principal – o Grande Teatro – para apresentações de música, teatro, ópera e dança, com 1.750 lugares; uma sala de recitais para 500 ocupantes; e um teatro experimental, com palco reversível e capacidade para 400 espectadores.”¹

51

2 Folha de São Paulo. Ver em: <https://www1.folha.uol.com.br/saopaulo/2015/11/1703256-governo-desiste-de-erguer-complexo-cultural-em-terreno-na-regiao-da-luz.shtml>



Centro Cultural Luz, Herzong & de Meuron, 2012

Após problemas na Justiça, o Governo desistiu do projeto² e no terreno foi construído o Complexo Júlio Prestes, um projeto de habitação realizado por meio de uma Parceria-Pública-Privada. As moradias entregues são divididas entre de interesse social (2.260 unidades habitacionais para renda familiar de até R\$4.000) e de mercado popular (1.423 unidades habitacionais para renda familiar de até R\$8.000).³

3 R7 Notícias. Ver em: <https://noticias.r7.com/sao-paulo/governo-entrega-moradias-construidas-na-regiao-da-luz-05032018>

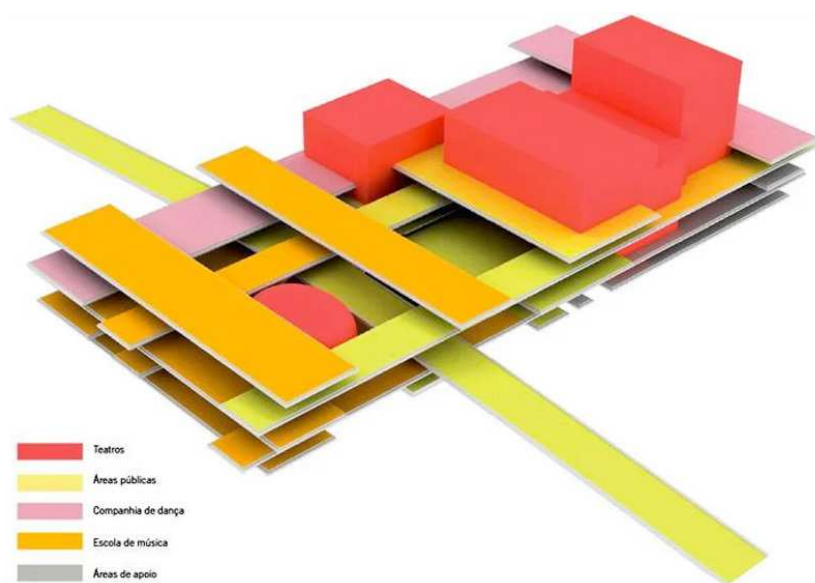
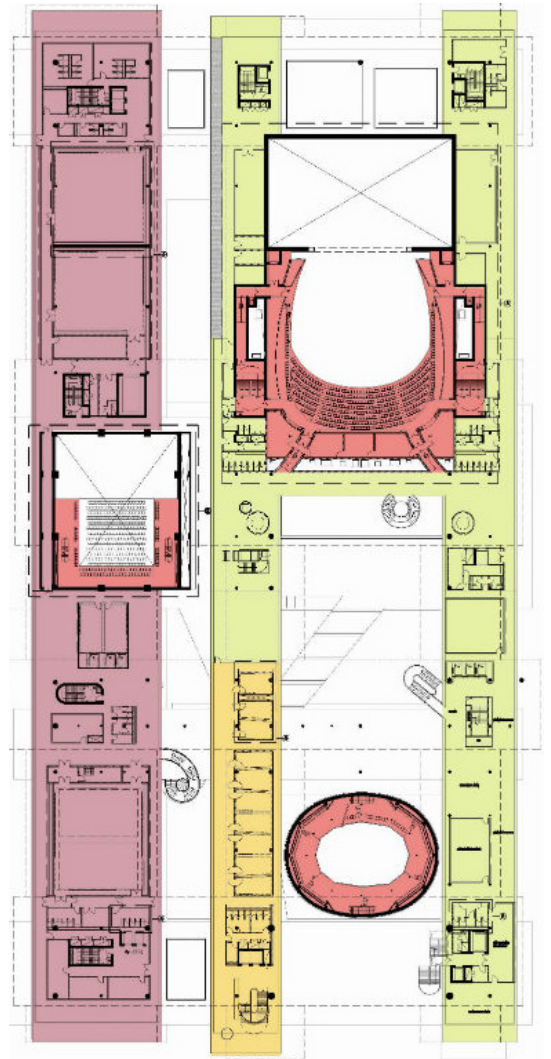
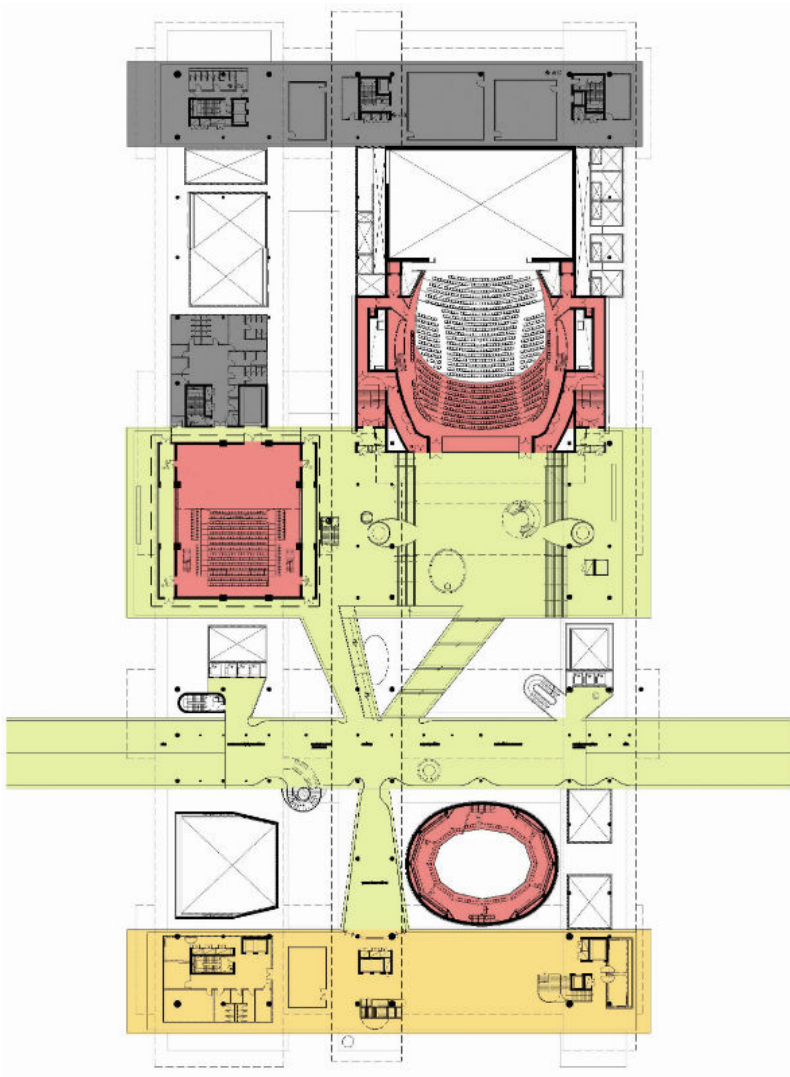


Diagrama do Centro Cultural Luz, Herzong & de Meuron, 2012



Plantas do Centro Cultural Luz, Herzong & de Meuron, 2012

Resguardo pela demanda e a urbanidade pela cultura

A Companhia, em suas atividades, possui, claramente, fases de funcionamento. Há momentos em que ela deve se resguardar aos bastidores, aos ensaios, aos cuidados que o Ballet profissional exige e ao tempo que precede a apresentação de um espetáculo. Mas há, entre o ensaio e o espetáculo, momentos em que a Companhia se expõe e deseja se abrir e ser vista. A faz pela organização de exposições, pelo resgate da memória da Dança, pela simpatia dos bailarinos diante o público.

A SPCD ocupa salas do edifício da Oficina Cultural Oswald de Andrade de maneira quase improvisada. As intervenções são restritas pelo tempo e tombamento do edifício, bem como sua quadra envoltória. Mesmo estando no mesmo endereço, Companhia e Oficinas estão desvinculadas em suas administrações e atividades. Com o desejo de ampliação e readequação de espaços pelas duas instituições, pode-se imaginar que a emancipação física seja benéfica para ambas. Porém, algo para além disso é notável por quem ali caminha. A diversidade de atividades culturais, a rotina dos diversos funcionários, a movimentação dos artistas e os olhares dos visitantes criam naquele espaço uma riqueza de urbanidade, somente capaz num contexto culturalmente tão rico. Talvez haja, entre a demanda de espaço e a atmosfera existente, uma solução intermediária.

Espaço e Movimento

Antes de apresentar a solução projetual, convém trazer questões levadas em conta ao longo do processo, que parte do seguinte princípio: O atendimento à demanda programática da Companhia não esgota o projeto, muito menos o isenta de sua responsabilidade diante do solo em que ocupa. Pelo contrário, ambos devem estar apoiadas um ao outro e serem capazes de desenhar possíveis e desejáveis caminhos antes ocultos. Neste sentido, levando-se em conta o programa e a área de intervenção envolvida, fez-se necessário entender as relações entre espaço, movimento e arquitetura, como são captadas pelo mundo e como o arquiteto pode fazer uso deste conhecimento. Como consequência, foram estudados alguns projetos de arquitetura que abordam o tema. Aqui são apresentadas as principais deles, nomeadamente:

- Biblioteca Pública e Arquivo Regional de Angra do Heroísmo (Inês Lobo Architectos, 2010, Angra do Heroísmo, Portugal)
- Casa Pico (spbr, 2010, Lugano, Suíça)
- Praça das Artes (Brasil Arquitetura, 2012, São Paulo)
- Casa da Música (OMA, 2005, Porto, Portugal)

Percepção

A percepção da arquitetura por parte da sociedade transformou-se concomitantemente ao desenvolvimento desta. Sigfried Giedion¹ separa o desenvolvimento arquitetônico em três fases relacionadas à concepção do espaço.

“Durante a primeira fase - a primeira concepção espacial - o espaço se constituía enquanto tal pela interação entre volumes. (...) O espaço interno não era considerado.

A segunda concepção do espaço teve início em meados do período romano, quando o espaço interno, e com ele o problema da cobertura, passou a constituir o objetivo mais elevado da arquitetura. O Panteão romano, com seus predecessores, marca o início desta fase, durante a qual a conformação do espaço interno foi considerada sinônimo de espaço escavado. (...)

A terceira concepção de espaço constituiu-se no início do século XX, quando a revolução óptica aboliu o ponto de vista único da perspectiva. Isto trouxe consequências fundamentais para a nossa concepção de arquitetura e de cidade urbana. As qualidades espaciais dos edifícios isolados podiam novamente ser apreciadas, o que sugere certa afinidade com a primeira concepção do espaço. Da mesma forma que então, a arquitetura está novamente se aproximando da escultura, e a escultura da arquitetura.”²

Esta reaproximação da arquitetura com a escultura também é tratada por outros autores. Mário Pedrosa³ relaciona as duas disciplinas, ao entender que ambas, coincidentemente, possuem como grande problema a questão do “modelar, esculpir o espaço e não o volume, a massa.”⁴ Os dois autores também concordam com a importância do movimento e sua relação com o espaço para a percepção da Arquitetura. No entanto, argumentam de maneiras distintas a origem dessas relações. Giedion dá a entender que tal

1 GIEDION, Sigfried. *Espaço, Tempo e Arquitetura: o desenvolvimento de uma nova tradição*. São Paulo: Martins Fontes, 2004.

2 GIEDION, Sigfried. Op. cit., pp.25-26.

3 PEDROSA, Mário. *Arquitetura. Ensaios críticos*. São Paulo: Cosac Naify, 2015.

4 PEDROSA, Mário. Op. cit. p.32.

fato se deve a introdução de novos elementos - no caso, grande parte em decorrência do automóvel - “que forçou a incorporação do movimento como um elemento indissociável da arquitetura”.⁵ Pedrosa, no entanto, entende movimento com um caráter mais atemporal, como um “valor que representa o espaço para nós, o que faz com que tenhamos dele uma consciência fenomenológica, senão sensorial”. Ainda sim, Pedrosa entende que é da modernidade o desafio da apropriação do movimento como método para, do espaço, “suscitar determinado estado da alma nos que penetrassem nele.”⁶

O espaço, o movimento, a dilatação de um edifício, a arquitetura como escultura de espaços, a relação dos cheios e vazios, a permeabilidade do espaço, o dentro e o fora. Todos esses elementos e as relações entre eles ganham novo significado a partir do modernismo. Não se trata, porém, de simples questão plástica ou técnica - do desenvolvimento de tecnologias construtivas -, mas da busca por respostas aos anseios daquele tempo.

“A civilização de hoje (...) anseia (...) por espaço mais livres, maleáveis, ilimitados, como se estivéssemos todos à espera misteriosa de uma nova dimensão para além das três euclidianas.”⁷

Desejo

O Arquiteto, em sua prática profissional, busca entender o homem e seus desejos, relacioná-los com o espaço físico em que se encontra e buscar revelar soluções que sustentem a vida em sociedade. Para Kenzo Tange⁸, a Arquitetura deve ser o reflexo ou expressão da estrutura social, que não é dinâmica ou estática, mas está sempre em desenvolvimento. Para ele, esta estrutura

5 GIEDION, Sigfried. Op. cit., p.26.

6 PEDROSA, Mário. Op. cit., p.32.

7 PEDROSA, Mário. Op. cit., p.33.

8 TANGE, Kenzo. *Kenzo Tange, 2946-1969: architecture and urban Design*. Londres: Pall Mall Press, 1970.

social possui um tipo de energia dentro dela, que está dormente nos corpos e mentes dos indivíduos que ela a compõem. Cabe ao arquiteto dar à sociedade a imagem desta energia, de seus anseios⁹. A mesma preocupação é atribuída ao ofício pelo arquiteto Álvaro Siza¹⁰:

“A Architectura não aceita o improviso, a ideia imediata e directamente transposta. A arquitectura é revelação do desejo colectivo nebulosamente latente.”¹¹

Ainda segundo Siza, Para que o arquiteto consiga identificar os desejos ocultos a serem revelados, é necessário o “distanciamento do Eu”, aprender ir “à procura do Outro dentro de cada um”. Isto não significa, no entanto, conceber arquitetura neutras, sem expressões ou contradições. Ao contrário, buscar o desejo oculto significa superar o que está posto:

60

“A Architectura, arte coletiva, é inimiga da arrogância e da falta de ambição, do elogio da auto-castração (em nome da suposta limitação do Outro), da inversão da arrogância, das supostas razões sociais da mediocridade. O desejo colectivo manifesta-se em cada pedra e em cada poro e revelá-lo é a única forma de não ser elitista. A perseguição do sublime identifica-se com a função social do Arquitecto, porque o desejo do sublime não é invenção do Arquitecto”.¹²

A busca por espaços que revelem potências e desejos prolonga-se e nunca cessa. Está sempre em movimento.

9 TANGE, Kenzo. Op. cit., p.9.

10 SIZA, Álvaro. *01 Textos*. Lisboa: Parceria A. M. Pereira, 2019.

11 SIZA, Álvaro. Op. cit., p.116

12 SIZA, Álvaro. Op. cit., p.116

Aberturas, Percursos e Geometrizações

Para o projeto da nova sede da São Paulo Companhia de Dança, a relação do edifício com o terreno e o espaço ao seu redor foi um aspecto fundamental, com consequências para todos os seus aspectos. Antes e durante o desenvolvimento deste, algumas obras e projetos serviram como referência para defini-lo.

Um projeto que se implante em área central de uma grande cidade deve levar em conta a intensidade de fluxos que ali existem. Mais do que isso, deve criar novas possibilidades de fluxos, de passagens, articulações entre ruas e instituições. A construída obra da Praça das Artes (Brasil Arquitetura, 2012, São Paulo) é prova da potência revelada por este tipo de implantação, explicada por Luís Antônio Jorge¹³:

“(...)possui essa capacidade autoexplicativa de um conhecido jogo, no qual conquistar posições significa descobrir espaços para abri-los em praças, penetrar no miolo da quadra, conectar ruas e construir passagens para subverter a rotina e realizar a vitória da cidade, ou melhor, da urbanidade cada vez mais escassa nos embates entre o desenho do espaço público e as frequentes afrontas do desenho do espaço privado em São Paulo.”¹⁴

A permanente abertura desses espaços só são possíveis, entre outros tantos aspectos, pela implantação do edifício, que se aproveita das encostas encontradas no terreno para criar os devidos apoios - estruturais e programáticos - e permitir que a construção pare sobre o chão:

13 JORGE, Luís Antônio. “Sobre a espessura e as veredas das artes do projeto”, in: *Praça das Artes*. NOSEK, Victor(org.). Rio de Janeiro: Beco do Azougue, 2013.

14 JORGE, Luís Antônio. Op. cit., p.67

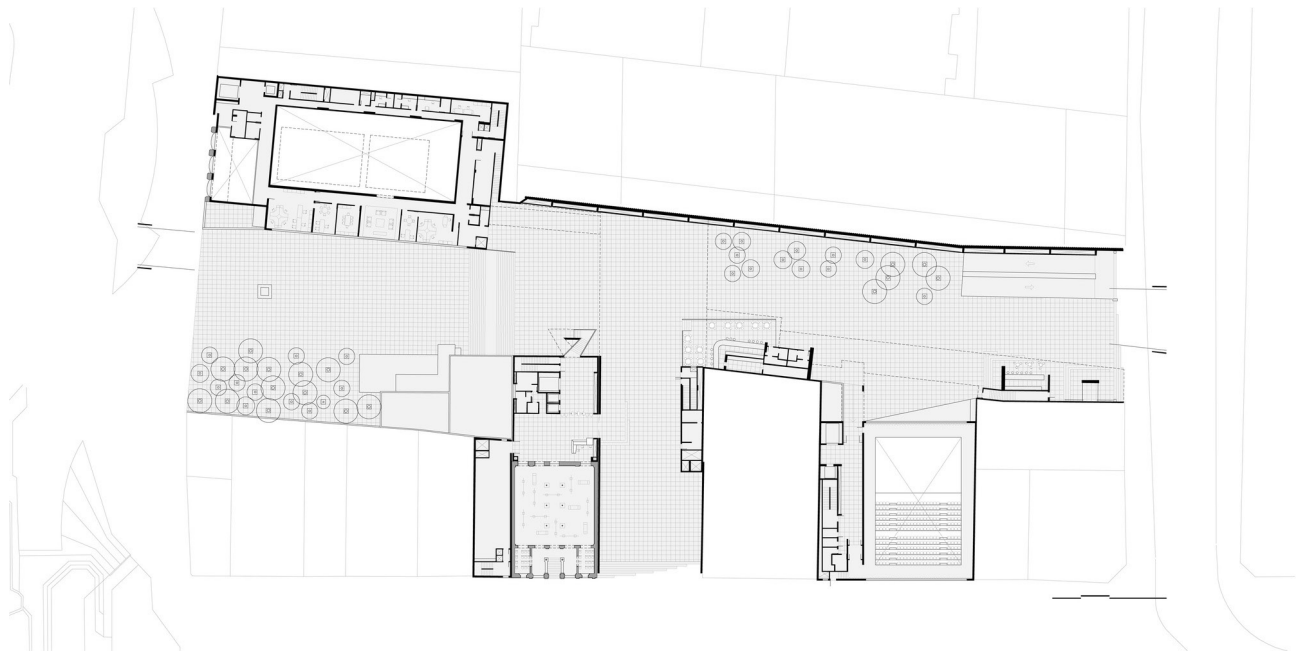
“Constitui-se, assim, o território da Praça das Artes, conquistado por uma estratégia de ataque por três bordas, pela fricção com as diversas permanências e fronteiras, por meio de uma arquitetura incisiva de preenchimento de frestas, de ocupação de brechas e de delimitação do espaço servido - aquele com nítida vocação de espaço público. Um cerrar em fronteiras para construir o aberto.”¹⁵

15 JORGE, Luís Antônio. Op. cit., p.68

62



Praça das Artes, Brasil Arquitetura. Implantação.



Praça das Artes, Brasil Arquitetura. Planta Térreo.

Os vazios criam percursos. Estes, permitem a continuidade da vida urbana, mas podem também acentuar a transição entre paisagens e atmosferas. Álvaro Siza, em sua *Arquitetura escultórica*, desenha percursos a partir da relação entre proporções e luz:

“A claridade e a utilidade da Arquitectura dependem do comprometimento na complexidade das transformações que cruzam o espaço; comprometimento que o entanto só transforma a Arquitectura quando, pelo desenho, atinge a estabilidade e uma espécie de silêncio, o território intemporal e universal da ordem.

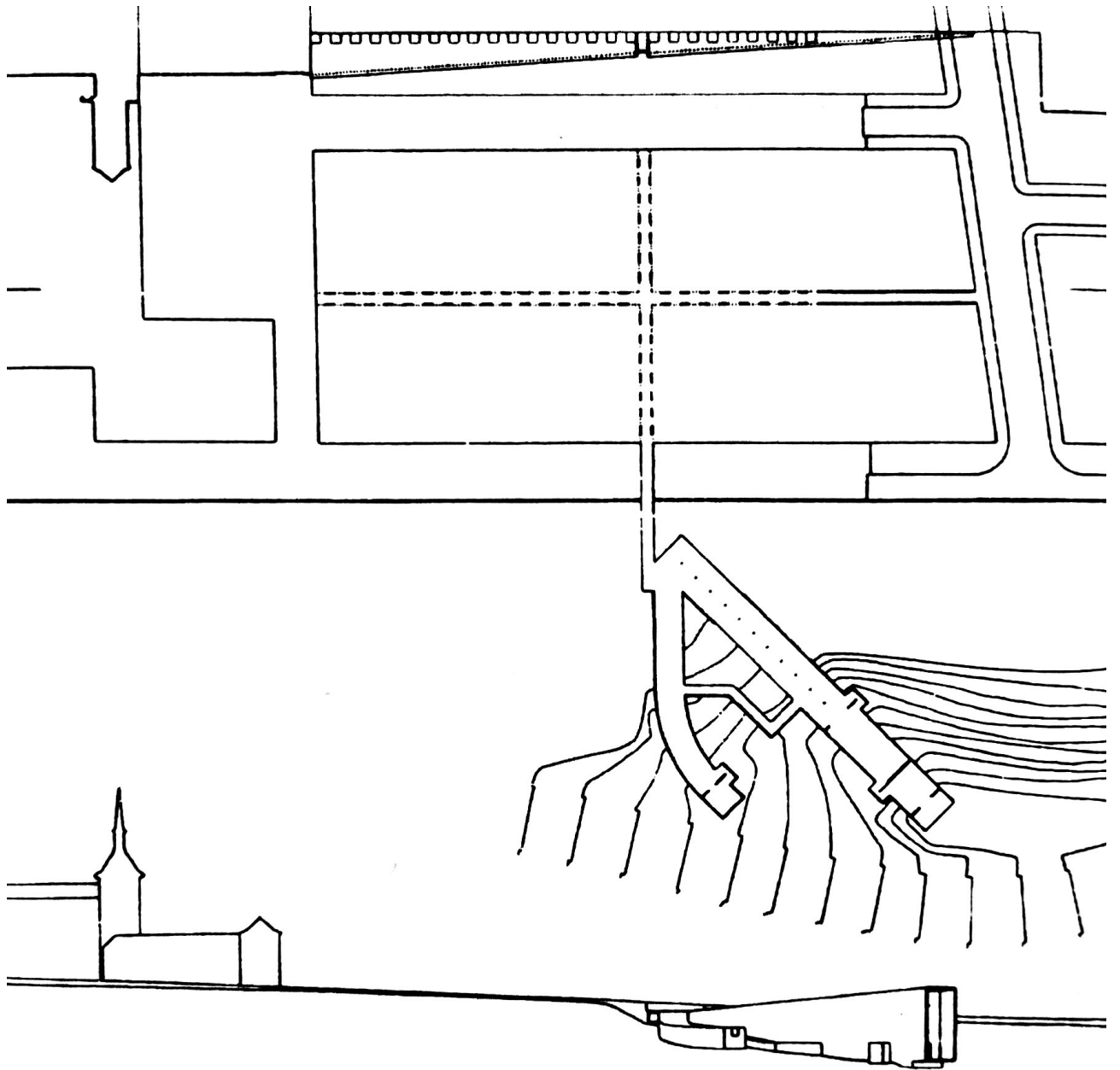
Complexidade e ordem conferem aos materiais e aos volumes e aos espaços luminosa vibração e permanente disponibilidade. Por isso a Arquitectura não condiciona comportamentos de forma significativa; mas não constitui um quadro neutro.”¹⁶

Em seu projeto Museu para dois Picasso (Álvaro Siza, 1992, Madrid), as transformações que cruzam os espaços são acentuadas pelo desenho da arquitetura, constituída por percursos. São dois volumes que se divergem e se distanciam a partir de um ponto (o acesso ao edifício), levando o visitante a optar por qual dos dois caminhos seguir. Será levado, então, à uma obra, que pode evocar a morte (*Guernica*) ou a vida (*La Femme Enceinte*). É a maneira encontrada pelo arquiteto de expor estas duas obras em um edifício implantado em um terreno que se encontra numa fronteira de paisagens, sendo assim também capaz de evidenciá-las:

“Creio que a origem do projeto está no confronto entre uma fachada da cidade e a natureza: um volume destaca-se da parte construída e penetra no parque”¹⁷

16 SIZA, Álvaro. Op. cit. p.34

17 SIZA, Álvaro. *Imaginar a evidência*. São Paulo: Estação Liberdade, 2012.p.23



Museu para dois Picasso, Álvaro Siza. Planta e elevação.



66

Os percursos da Arquitetura podem ser transformadas em visões seriadas, como ocorre no documentário REM¹⁸, onde a linguagem do cinema é o meio pelo qual o edifício da Casa da Música (OMA, 2005, Porto, Portugal) é representado. No trailer aberto promocional do documentário, mostra-se um percurso pelos ambientes da Casa da Música a partir de um indivíduo. Ele se utiliza dos elementos da Arquitetura para se movimentar por ela de forma performática. O vídeo, além de apresentar uma leitura única do projeto da Casa da Música, explicita elementos capazes de fazer um espaço propício ao movimento do corpo enquanto instrumento performático - em sua maioria, barras de apoio, escadas e inclinações verticais.

O movimento e sua relação com os espaços pode ser buscado pela criação de aberturas, percursos e do propiciamento à expressão corporal. Isto tudo também se relaciona com os movimentos,

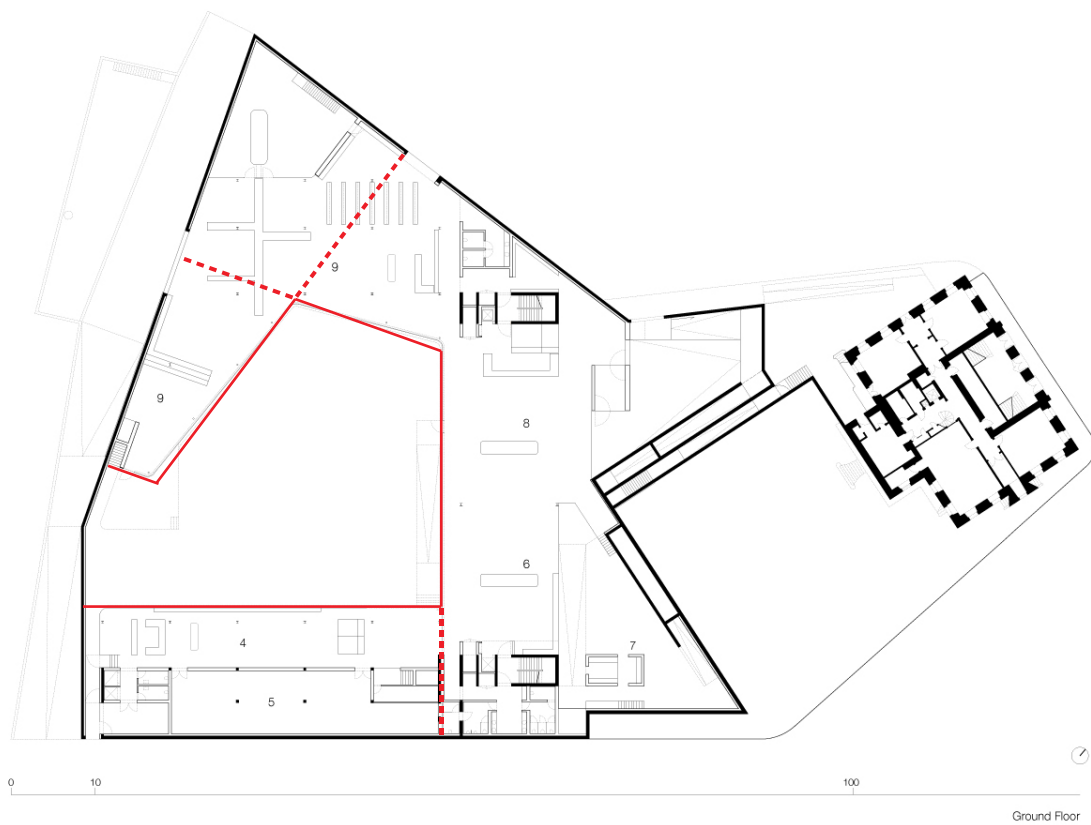
18 Koolhaas, Tomas. REM, 2013.



Tomas Koolhaas, REM, 2013.

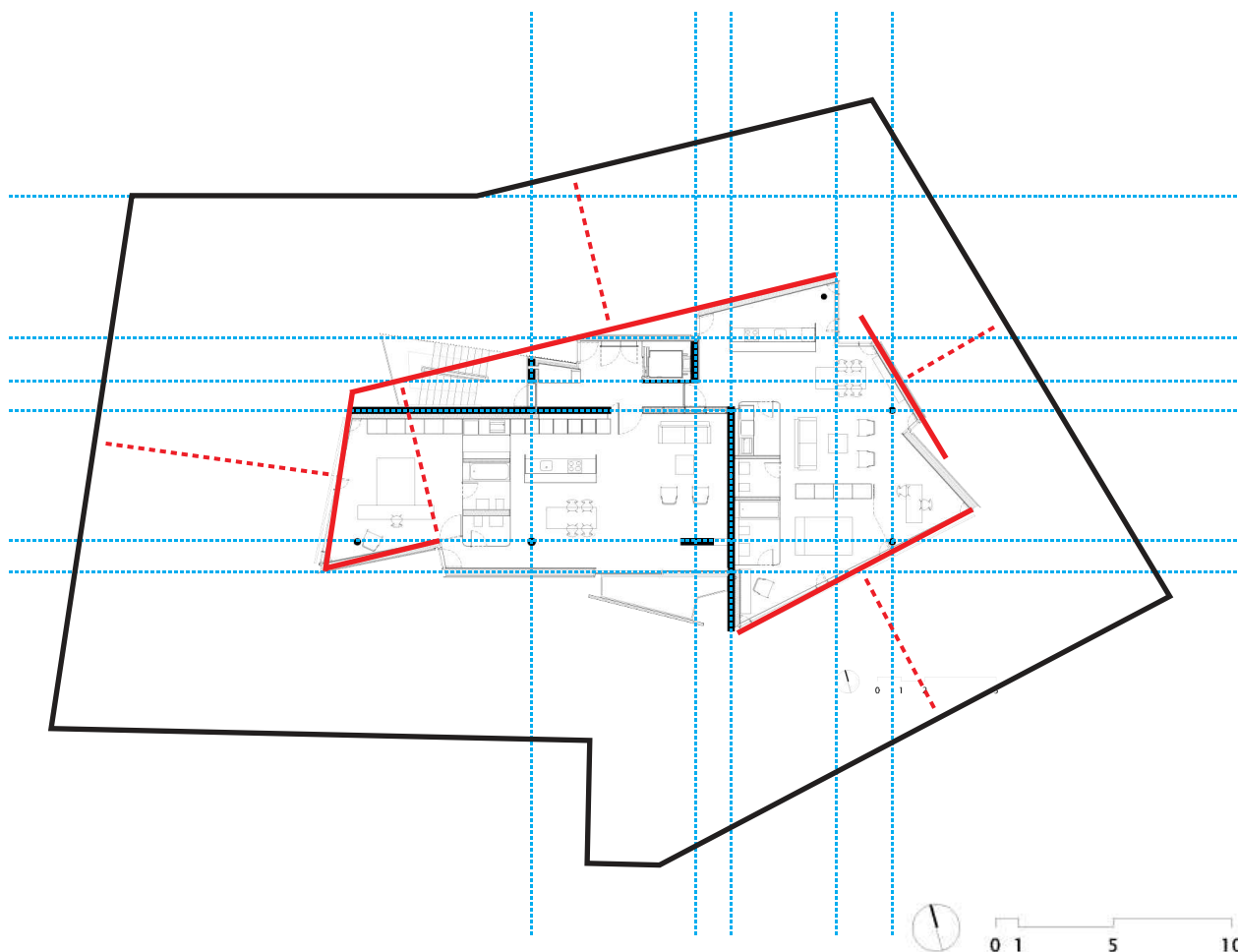
proporções e geometrias dos planos e volumes construídos. Essas geometrias, quando são oriundas dos planos já existentes ao redor, fazem o espaços construídos repercutirem o existente, ao mesmo tempo que os fazem únicos. É assim, com eixos paralelos e ortogonais aos limites do terreno que se configuram projetos como a Biblioteca Pública e Arquivo Regional de Angra do Heroísmo (Inês Lobo Architectos, 2010, Angra do Heroísmo, Portugal) e a Casa Pico (spbr, 2010, Lugano, Suíça).

Os projetos, apesar de partirem do mesmo princípio na construção de suas linhas, partem de estratégias de implantação diferentes, adequadas às demandas de cada um dos programas: A Biblioteca, para criar um vazio central de uso público, se apoia aos limites do terreno, enquanto o edifício residencial, para criar espaços privados, se afasta deles e os reproduz.



04 Administration open space + Working cabinets of the regional archive . 05 Archive active / Intermediate / Dead . 06 Archive reading room / audiovisuals . 07 Library, Adult section, Periodic zone / Community information . 08 Entrance Hall + Cybercafé . 09 Reading area / Juvenil section

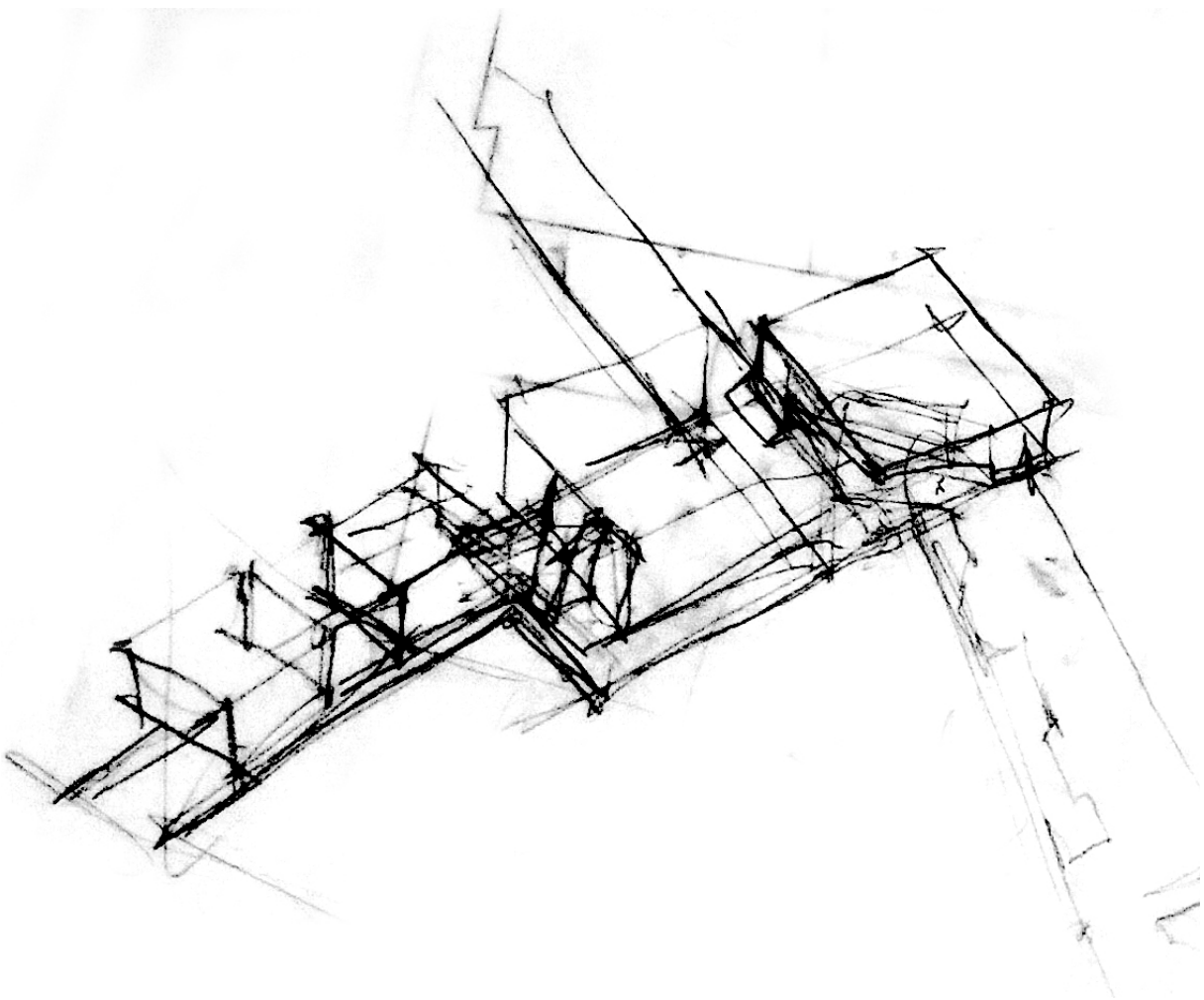
Inês Lobo Arquitectos. Biblioteca de Heroismo. Estudo a partir da Planta do Pavimento Térreo



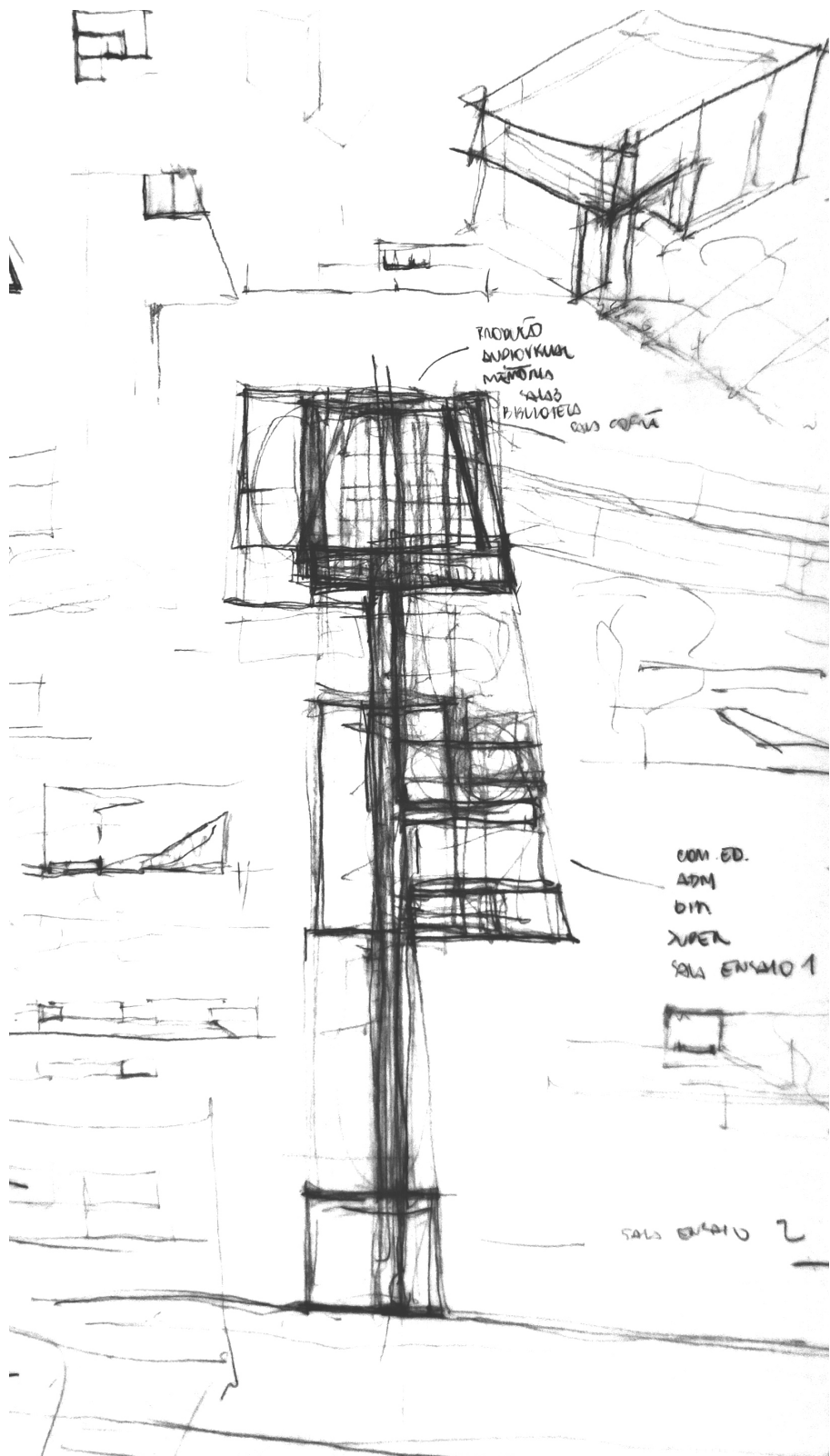
spbr, Casa Pico. Estudo a partir da Planta do Pavimento Tipo

Projeto

70



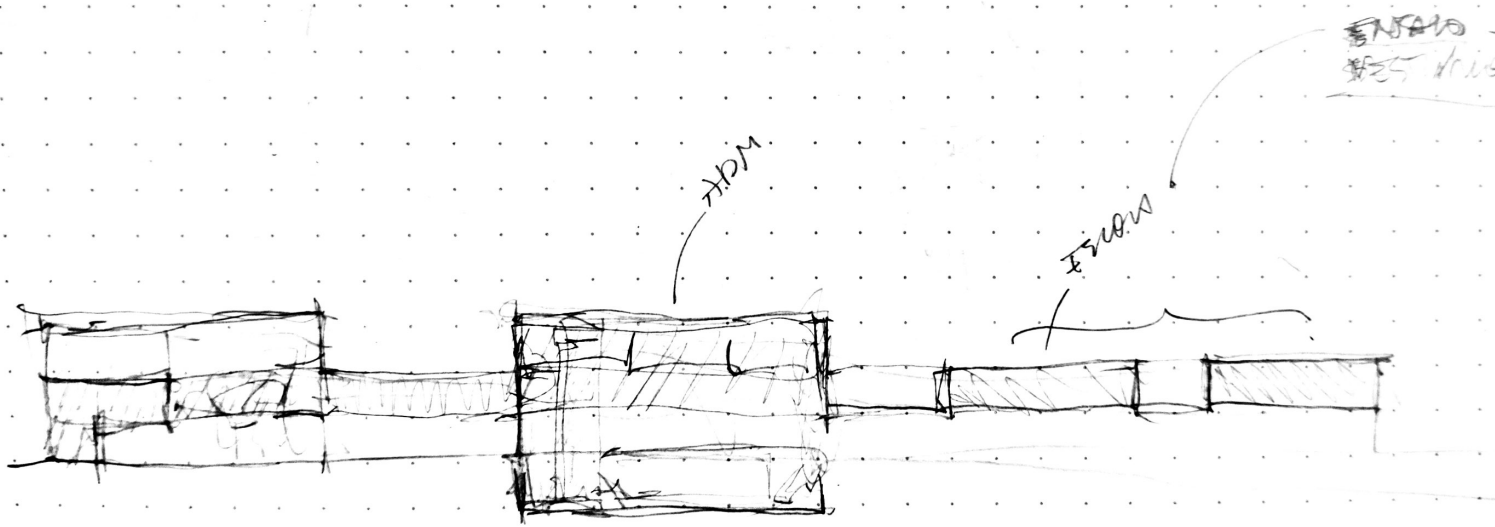
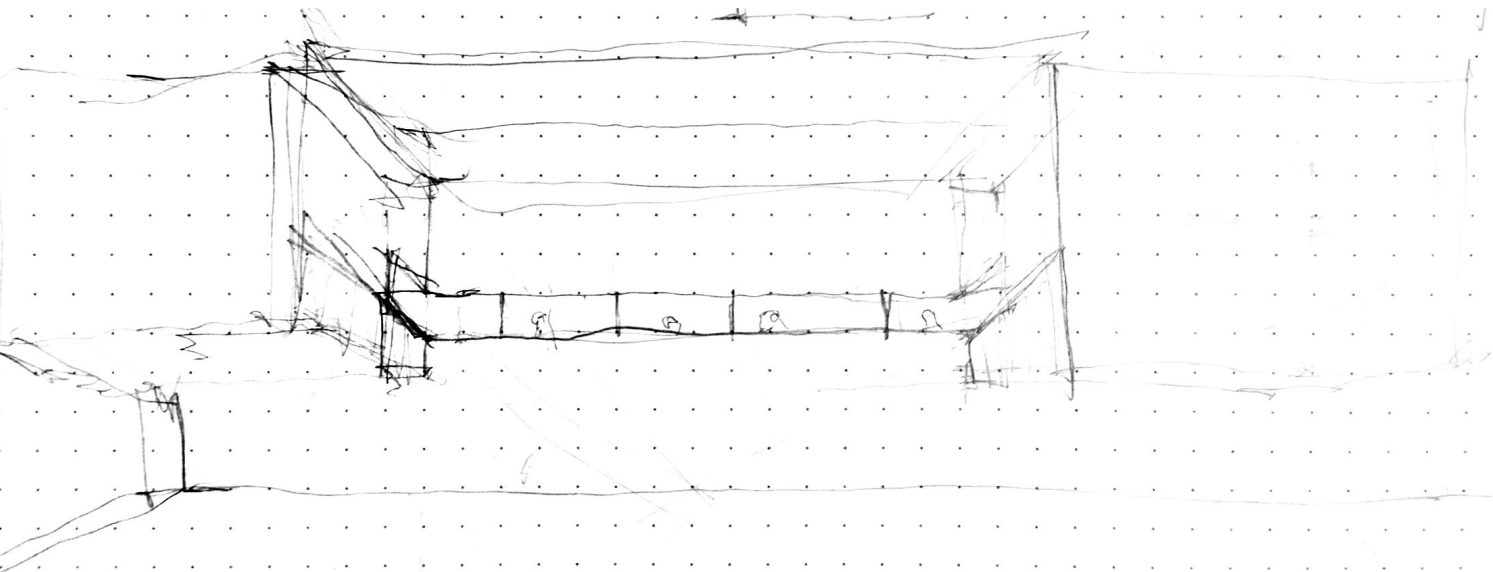
Croquis de desenvolvimento do projeto



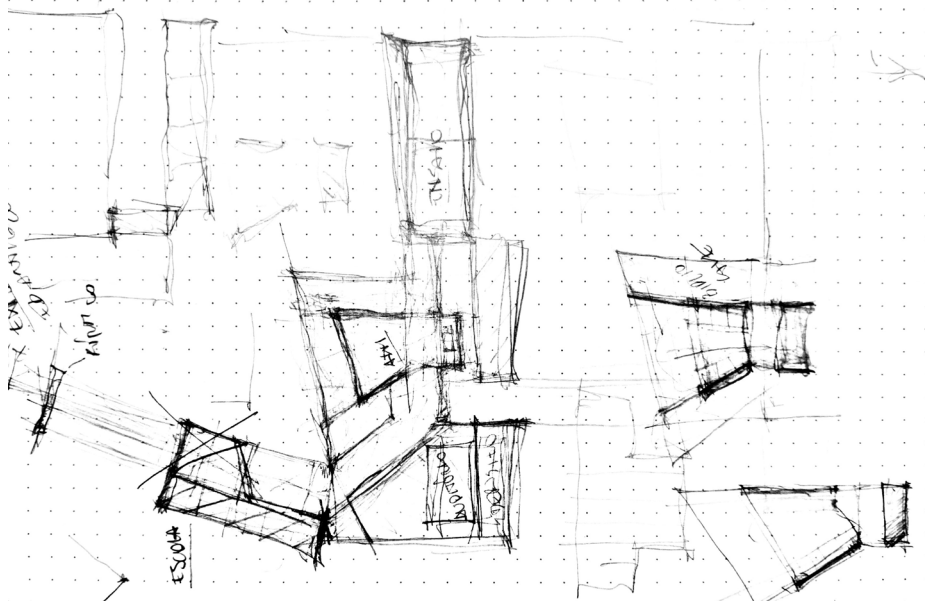
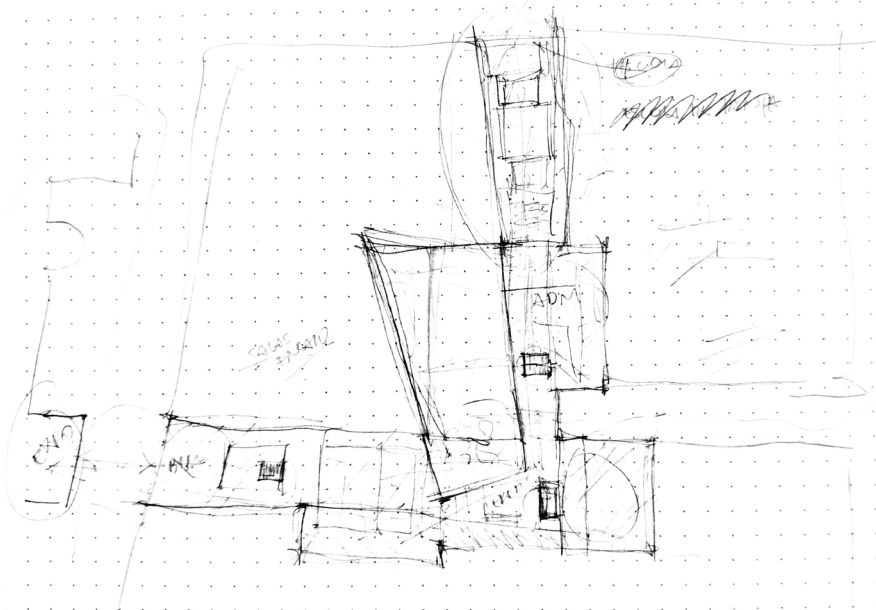
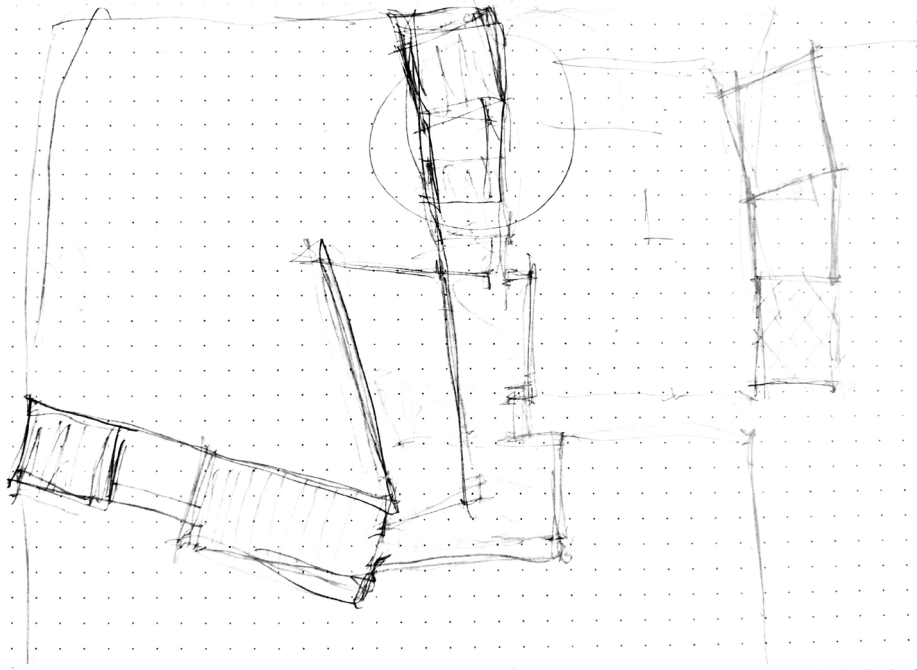
PROYECTO
DISEÑO
MATERIAL
SALA
P. PLANTAS
DE LA COCINA

CON ED.
ADM
DIN
SUPER
SALA ENSAJO 1

SALA ENSAJO 2



Croquis de desenvolvimento do projeto



Contexto

A região da intervenção possui proximidade com o traçado da linha azul do Metrô, com acesso à estação Tiradentes, localizada na Praça Cel. Fernando Prestes. Dali, é possível iniciar percurso pela Rua Três Rios e a malha retificada do bairro.

O Bom Retiro possui diversos equipamentos públicos e edifícios históricos. Como descrito por Dertônio¹, esta região, e principalmente a Rua Três Rios, possui diversos edifícios de caráter educacional. A permanência da SPCD nesta rua reafirma o caráter cultural e educador da Companhia, o papel social da dança e a necessidade de torná-la cada vez mais inclusiva e acessível.

Articulação

Como já observado anteriormente, há diversas transformações em curso no Bom Retiro desde a última década. O fechamento de ruas e a demolição de construções para dar lugar a novos edifícios tornaram-se frequentes.

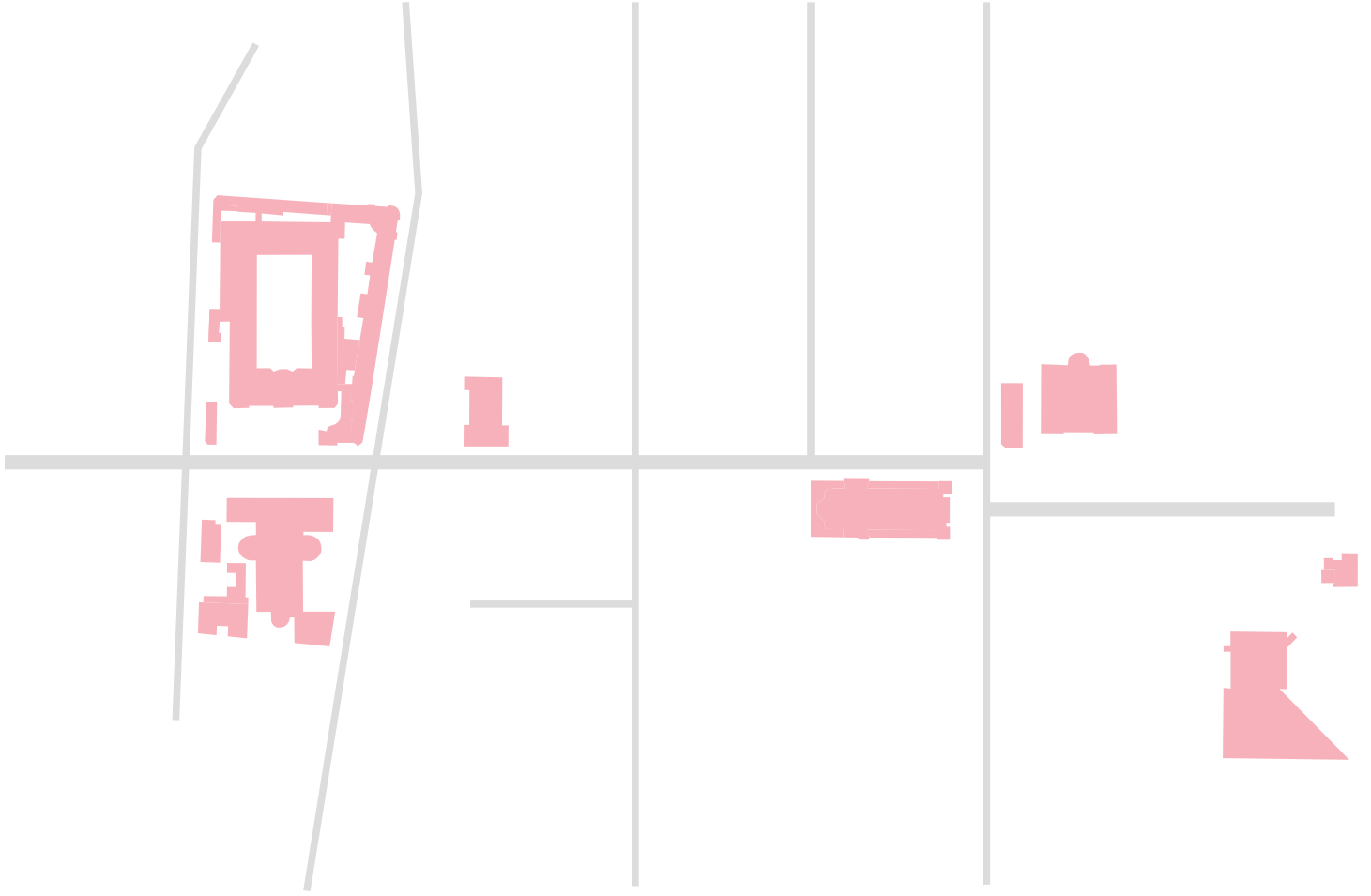
Volto aqui, então, a observar mais uma vez a quadra vizinha à Oficina Cultural Oswald de Andrade e à Casa do Povo. Há ali a presença de elementos comuns ao bairro, mas que correlacionados possuem potência para desdobrar uma nova realidade.

Temos a Rua Clemente de Almeida Moura, rua sem saída, hoje com acesso parcialmente controlado, efetivado por um portão. Ao fim de seu traçado, a rua quase coincide com um lote que faz frente à Rua Correia de Melo, onde hoje em seu vazio encontra-se em funcionamento um estacionamento de veículos.

Faço aqui, então, uma suposição.

Se até hoje muitas transformações ocorreram imaginando-se um uso privativo dos lotes, com construções ocupando grande parte deles, pode-se supor transformações rumo a um momento de

1 DERTÔNIO, Hilário (1971). *O bairro do Bom Retiro Série História dos Bairros de São Paulo*, v.9, São Paulo, p.17.



contraponto, com abertura de espaços relativamente amplos.

Imagino uma reorganização daquele espaço para ser possível, ali, multiplicar o chão e dar continuidade física à rua a partir de uma conexão espacial entre o edifício das Oficinas Culturais e da Casa do Povo. Um corredor cultural articulado pela nova sede da São Paulo Companhia de Dança.

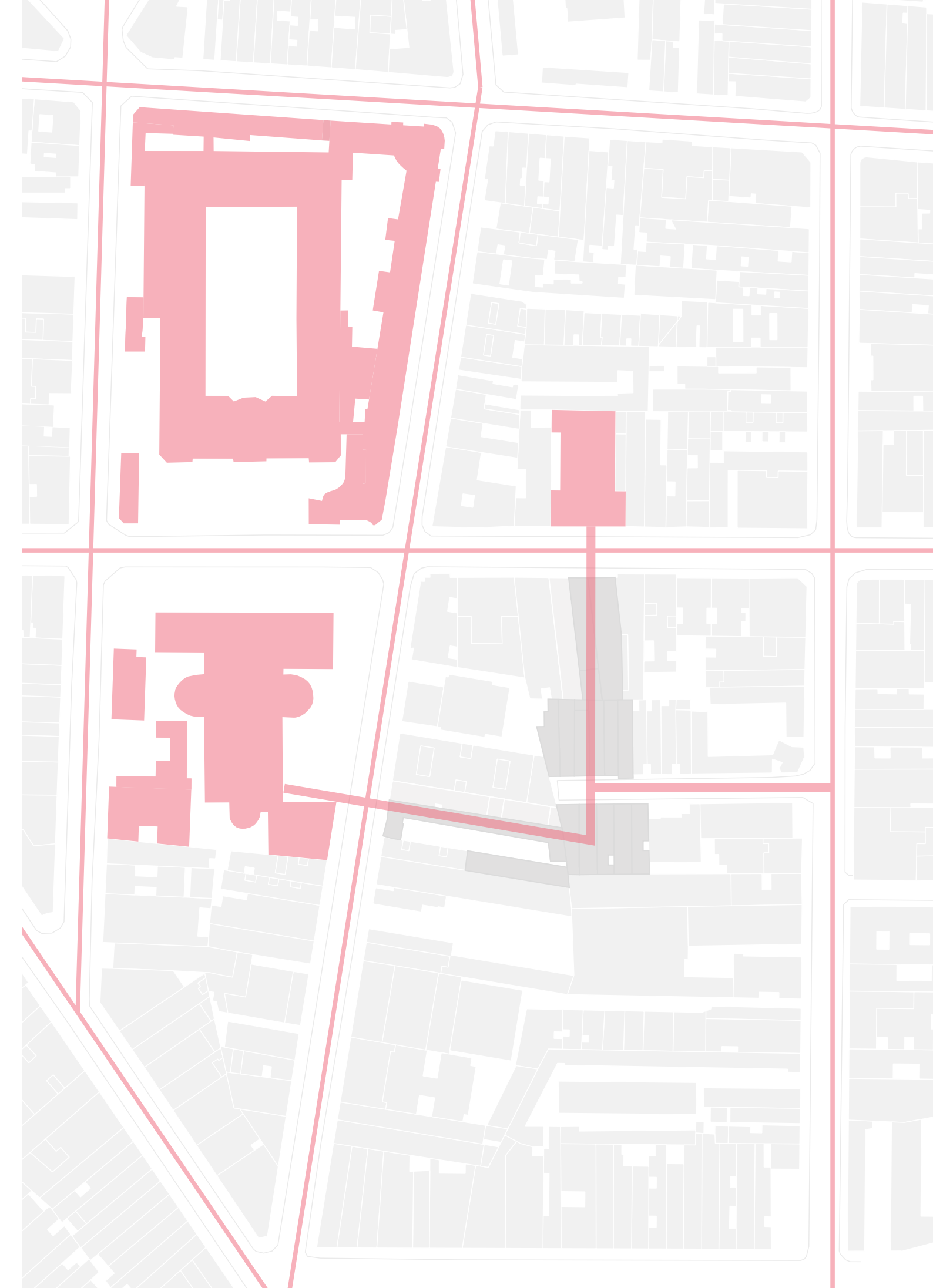
A busca pela revelação desta imagem é assentada à realidade do bairro e à conformação dos lotes das quadras. O estacionamento de veículos deve ser o ponto final da conexão com o edifício das Oficinas Culturais. A Rua Clemente de Almeida Moura, com a supressão de algumas das construções ali presentes, passa a enxergar as Oficinas. Por fim se faz a apropriação do lote criado pelo supermercado e suas ampliações, abrindo assim conexão com a Casa do Povo.

Esta articulação é o esforço de entender possibilidades espaciais deste momento e local a partir de uma retomada do chão da cidade e a supressão de transformações individuais e desarticuladas. Assim, a rua penetra o lote e novos fluxos são possíveis.

A fluidez do espaço é desejável à Companhia de Dança e seu caráter público. Ela, então, avizinha-se a outras instituições culturais, abre-se a elas e permite assim a criação de um espaço capaz de abrigar de acontecimentos mundanos a grandes eventos.

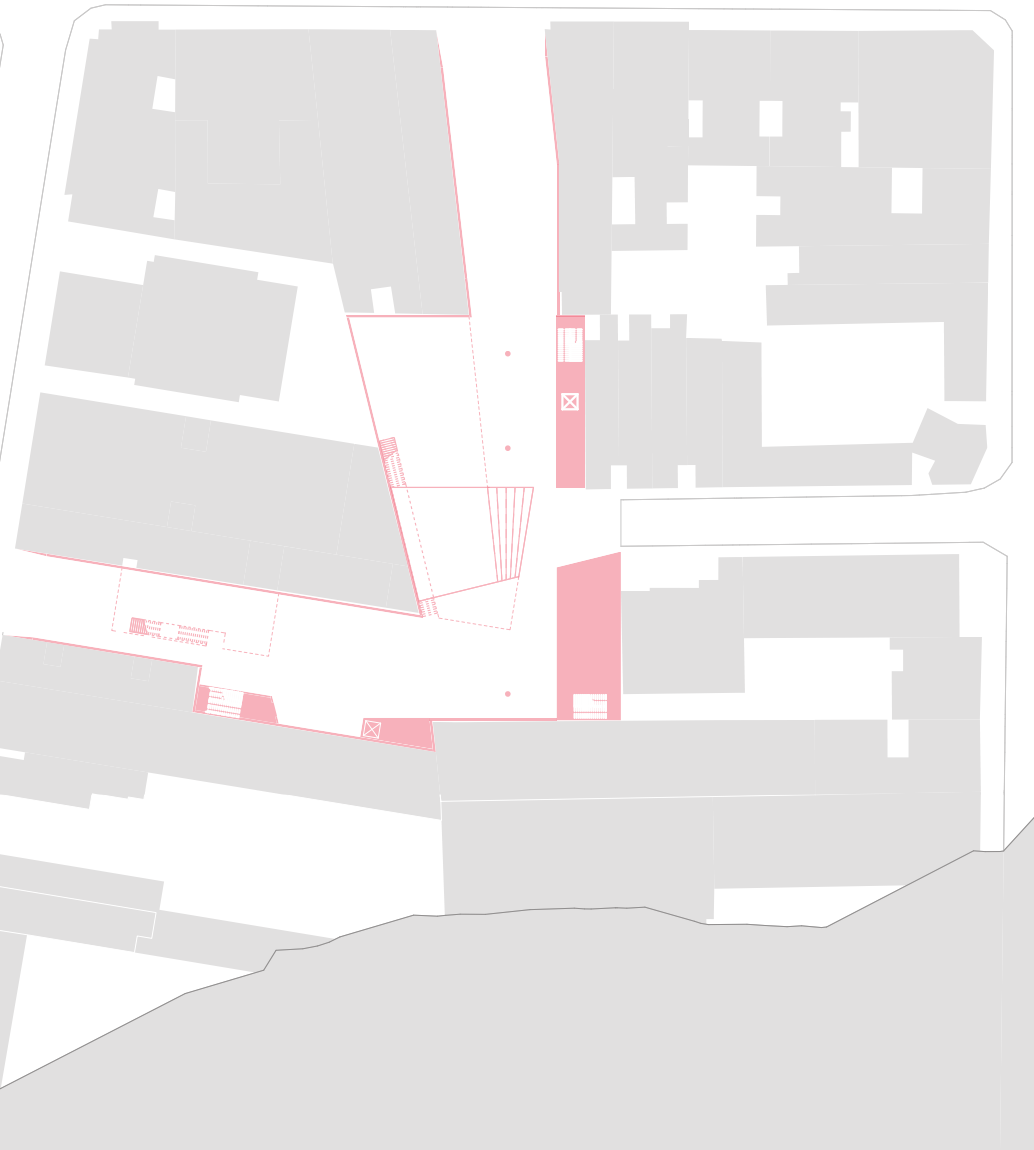
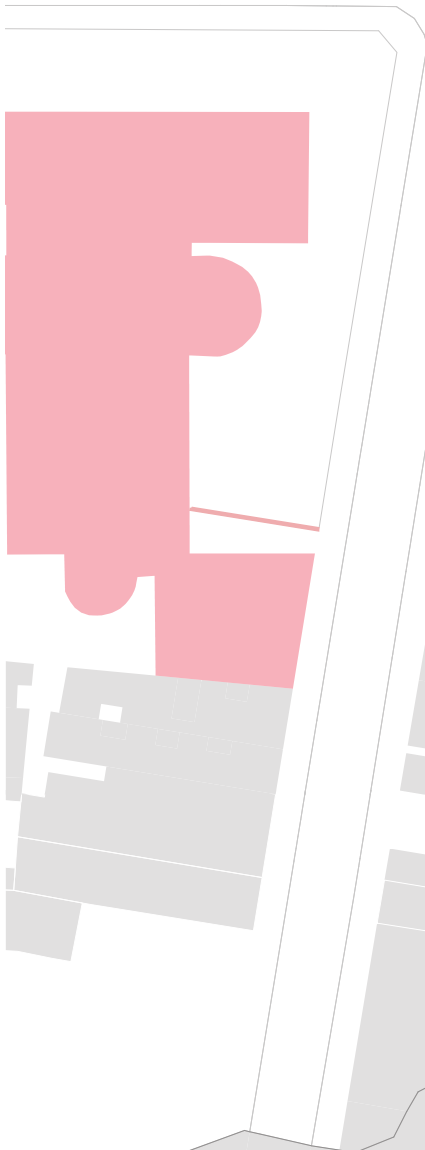
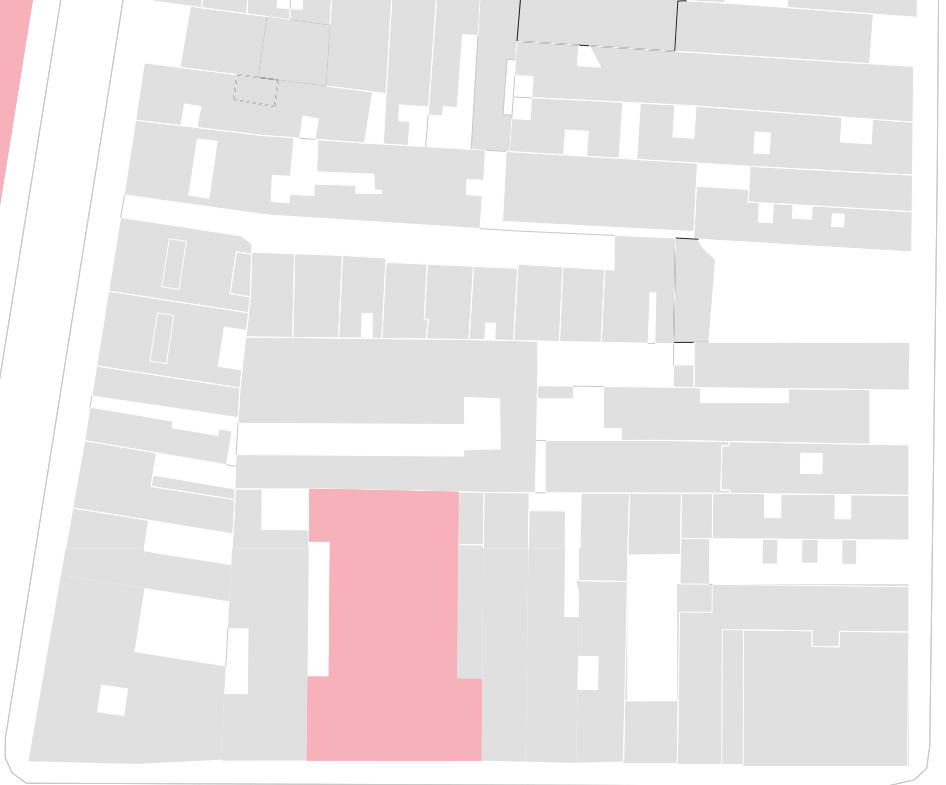
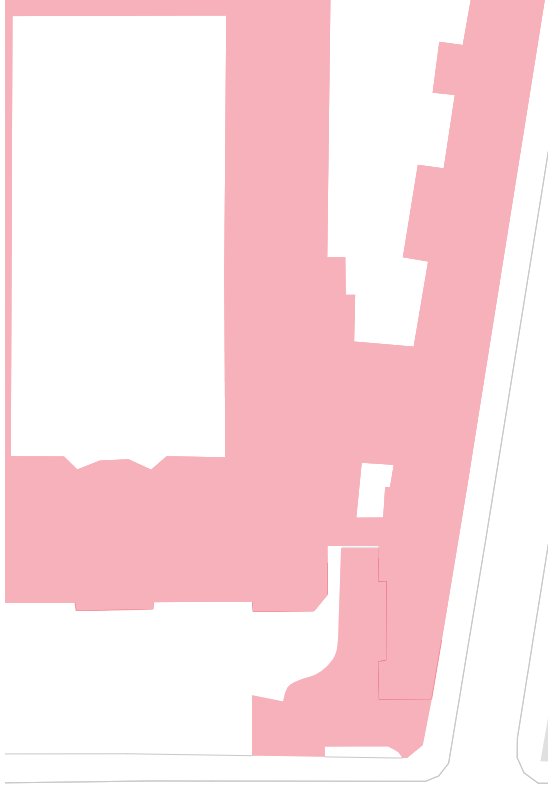
Realiza-se uma pequena abertura lateral ao edifício das Oficinas que permite a relação espacial entre as instituições. Espera-se que os espaço de cada uma delas seja utilizável por todas. Que o auditório térreo das Oficinas possa ser palco de palestras da Companhia. Que a nova biblioteca da Companhia possa acolher coleções das Oficinas. Que a Casa do Povo veja no térreo livre da instituição vizinha uma extensão da calçada, capaz de intensificar o acolhimento feito por ela a coletivos culturais. Enfim, a articulação espacial criada leva consigo o desejo de um estreitamento de vínculos entre as instituições culturais.

À direita: Diagrama de Articulação.



Implantação

Com a compreensão de que conexões espaciais são possíveis graças ao vazio, busca-se da implantação o chão livre. As circulações verticais e os programas de suporte do térreo - portaria e depósitos - se dispõem nas encostas do terreno. O vazio dos acessos são cobertos pela volumetria dos espaços da Companhia, elevadas do solo e apoiadas, quando possível, linearmente nos limites do terreno. No espaço central, os limites se abrem e a luz é acolhida por um amplo espaço, uma clareira com um teatro a céu aberto - espaço simbólico de encontro entre o público e as artes performáticas. O edifício, então em balanço, por seguir alinhado aos acessos, é apoiado estruturalmente por pilares.



Percursos

Dos acessos sombreados, que resguardam do sol e da chuva, o percurso do térreo leva quem por ali se movimenta para vazios intermediários e ao vazio central. Há, durante o caminhar do térreo, a presença de duas escadas abertas, que levam a espaços de intermediação entre os usuários e os espaços públicos da Companhia.

Da escada mais próxima ao edifício das Oficinas Culturais, chega-se ao corredor que conecta à biblioteca e à sala de exposição. Da escada do vazio central se tem acesso ao espaço de conexão entre a sala de exposição e o refeitório. Trata-se de um amplo mezanino que serve de apoio ao refeitório, bem como à clareira, sendo proporcional à escala desta. Nesta configuração, a sala de exposição é central, assim induzindo o público a frequentá-la.

Do, assim chamado, mezanino, desenha-se uma conexão que aos poucos se estreita, dando indícios de que ali se encontra espaços mais restritos ao uso cotidiano dos funcionários da Companhia.

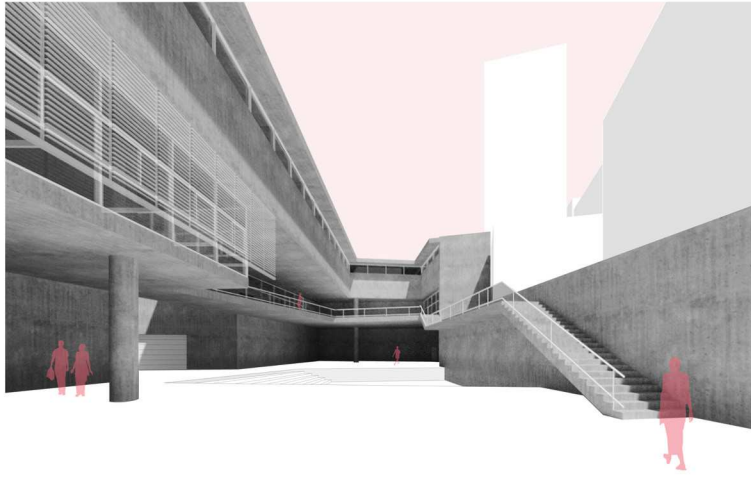
Tratam-se de salas de apoio aos ensaios, bem como ocorre no segundo pavimento com vestiários e piscinas de uso dos bailarinos. As salas de ensaio se encontram no limite do terreno com a Rua Três Rios, também elevadas do chão e com pé direito duplo.

O segundo andar é acessado pelas três escadas enclausuradas e os dois elevadores implantados desde o térreo. Nele, há um mezanino de observação das salas de ensaio, que permite a presença de visitantes sem obstruir o espaço de trabalho dos bailarinos. Também no segundo pavimento, constrói-se, pelas salas de reunião e direção, uma ponte entre os espaços de ensaio e da administração, bem como da confecção de figurinos.

O edifício, portanto, possui todas as lajes de cada nível interligadas, mesmo entre as diferentes volumetrias, por meio de suas salas e passarelas.

À direita:

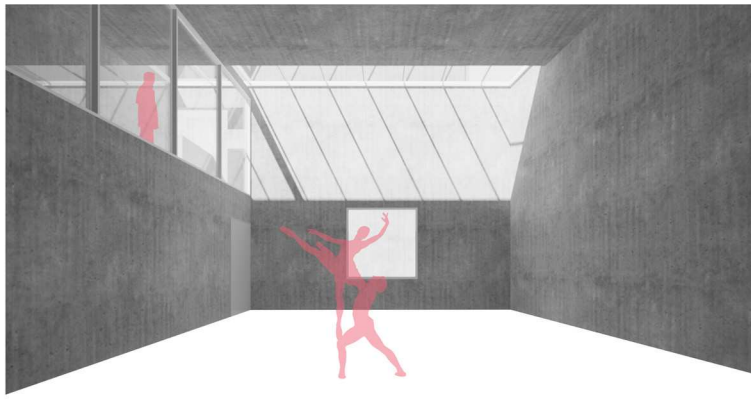
- a. Perspectiva do vazio central.
- b. Perspectiva do acesso à sala de exposição e biblioteca.
- c. Perspectiva Sala de Ensaio.



a.



b.



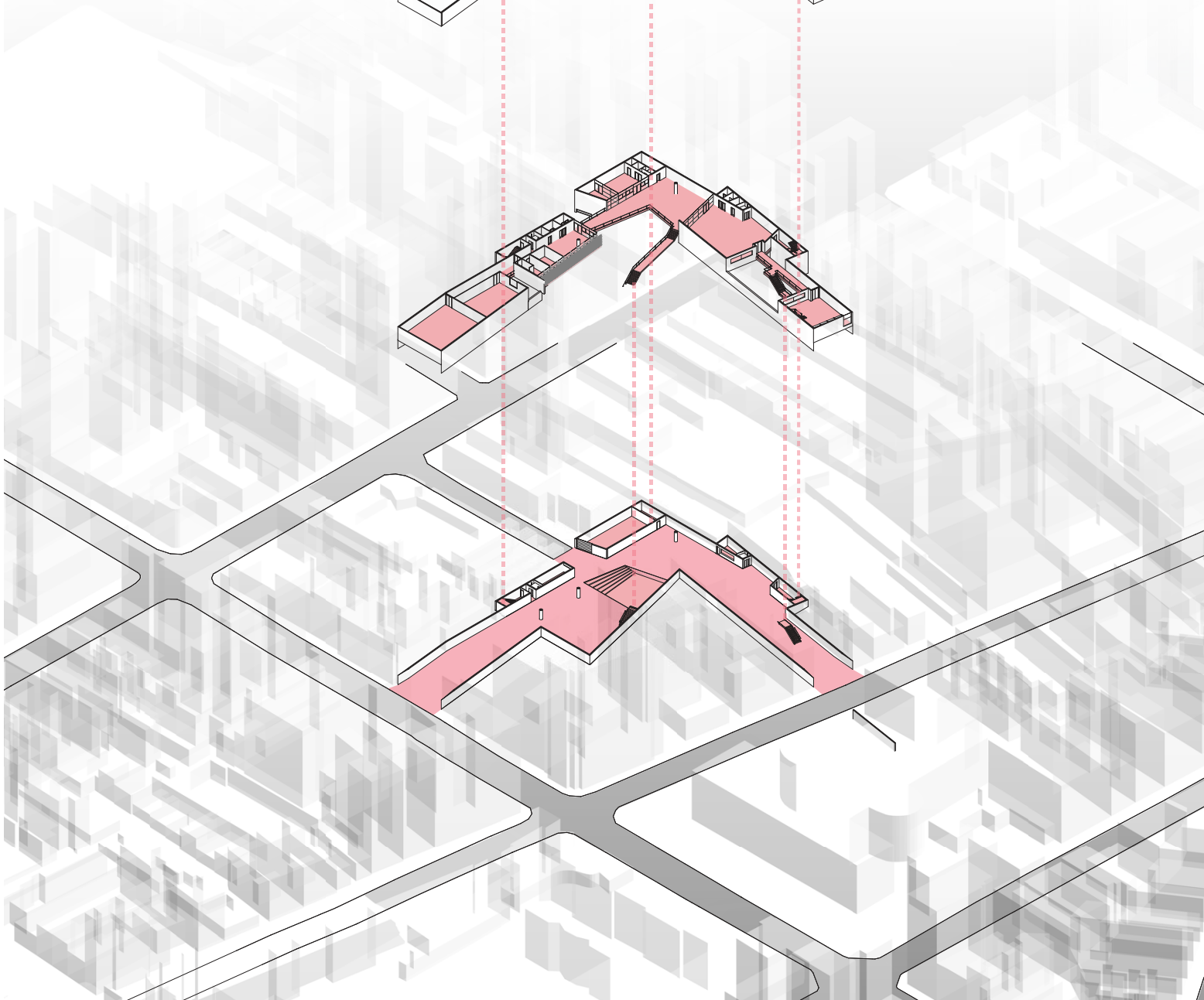
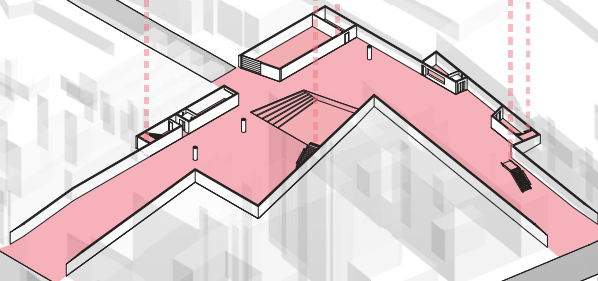
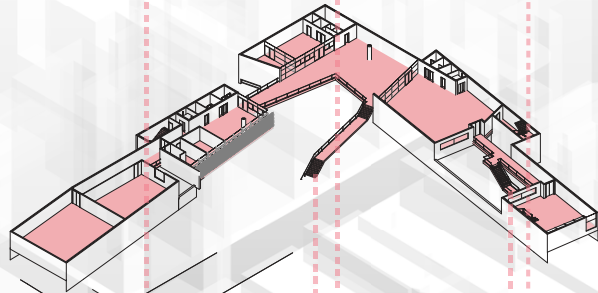
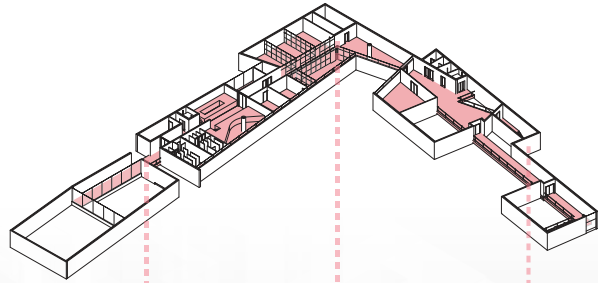
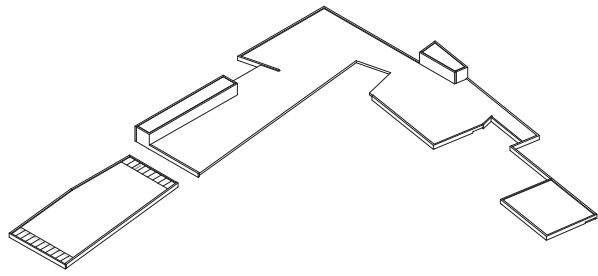
c.

Arquitetura e Movimento

O projeto arquitetônico apresentado é expressão do desejo de imaginar novas possibilidades espaciais dentro das circunstâncias factuais, que enriqueçam o caminhar do pedestre e intensifiquem a presença de agentes culturais no cotidiano urbano.

À direita: Perspectiva Isométrica, com indicação de pisos e circulações verticais.

Os desenhos de projeto estão apresentados no Caderno 2.



Referências

Bibliografia

DERTÔNIO, Hilário. *O bairro do Bom Retiro Série História dos Bairros de São Paulo*, v.9, São Paulo, 1971.

GIEDION, Sigfried. *Espaço, Tempo e Arquitetura: o desenvolvimento de uma nova tradição*. São Paulo: Martins Fontes, 2004.

JORGE, Luís Antônio. “Sobre a espessura e as veredas das artes do projeto”, in: *Praça das Artes*. NOSEK, Victor(org.). Rio de Janeiro: Beco do Azogue, 2013.

PEDROSA, Mário. *Arquitetura. Ensaios críticos*. São Paulo: Cosac Naify, 2015.

Prefeitura de São Paulo. Secretaria Municipal de Desenvolvimento Urbano -SMDU. *Caderno de Propostas dos Planos Regionais das Subprefeituras: Sé*. São Paulo, 2016.

ROCHA, Paulo Mendes da; com VILLAC, Maria Isabel. *América, cidade e natureza*. São Paulo: Estação Liberdade, 2012.

SIZA, Álvaro. *01 Textos*. Lisboa: Parceria A. M. Pereira, 2019.

_____. *Imaginar a evidência*. São Paulo: Estação Liberdade, 2012.

TANGE, Kenzo. *Kenzo Tange, 1946-1969: architecture and urban Design*. Londres: Pall Mall Press, 1970.

VILLANOVA ARTIGAS, João Batista. *Caminhos da arquitetura*. 4 ed. São Paulo: Cosac Naify, 2004.

Trabalhos Fins de Graduação, Dissertações de Mestrado Teses de Doutorado

AGUADO, Cindy. *Dança e Conforto Ambiental - O Projeto do ambiente de ensaio*. Trabalho Final de Graduação. São Paulo: FAUUSP, 2015.

AMADIO, Décio. *Desenho urbano e bairros centrais de São Paulo; um estudo sobre a formação do Brás, Bom Retiro e Pari*. Tese de doutorado. São Paulo: FAUUSP, 2004.

MANGLINI, Liziane. *Transformações e Permanências no Bairro do Bom Retiro, SP (1930-1954)*. Dissertação de Mestrado, São Carlos: EESC/USP, 2009

SZKLO, Ilan. *Casa do Povo - reocupação e projeto no bom retiro*. Trabalho Final de Graduação. São Paulo: FAUUSP, 2013.

Iconografia e Projetos

Álvaro Siza, Museu para Dois Picassos, 1992. in: SIZA, Álvaro. *Imaginar a evidência*. São Paulo: Estação Liberdade, 2012, p.24

Arquivo Histórico Municipal. Fundo PMSP. Série Obras Particulares.

Base Cartográfica: FAUUSP - Mapas históricos, SARA-Brasil (dec. 1930)

Brasil Arquitetura, Praça das Artes, 2012. disponível em: <https://www.archdaily.com.br/br/626025/praca-das-artes-brasil-arquitetura>

CONDEPHAAT. Oficina Cultural Oswald de Andrade. disponível em: <http://condephaat.sp.gov.br/benstombados/oficina-cultural-oswald-de-andrade/São Paulo Companhia de Dança>. disponível em: http://spcd.com.br/fotos_para_download.php

Herzog & de Meuron, Complexo Cultural Luz, 2009. disponível em: <https://www.designboom.com/architecture/herzog-de-meuron-culutral-complex-luz-sao-paulo/>

Inês Lobo Arquitectos, Biblioteca Pública e Arquivo Regional, 2010. disponível em: <https://miesarch.com/work/3343>

Koolhaas, Tomas. REM, 2013. disponível em: <https://vimeo.com/75328510>

SPBR, Casa Pico, 2010. disponível em: <http://www.spbr.arq.br/portfolio-items/edificio-de-apartamentos-em-lugano/>

Espaço e Movimento

Uma nova sede para a
São Paulo Companhia de Dança

Caderno 2

Trabalho Final de Graduação
Faculdade de Arquitetura e Urbanismo
Universidade de São Paulo

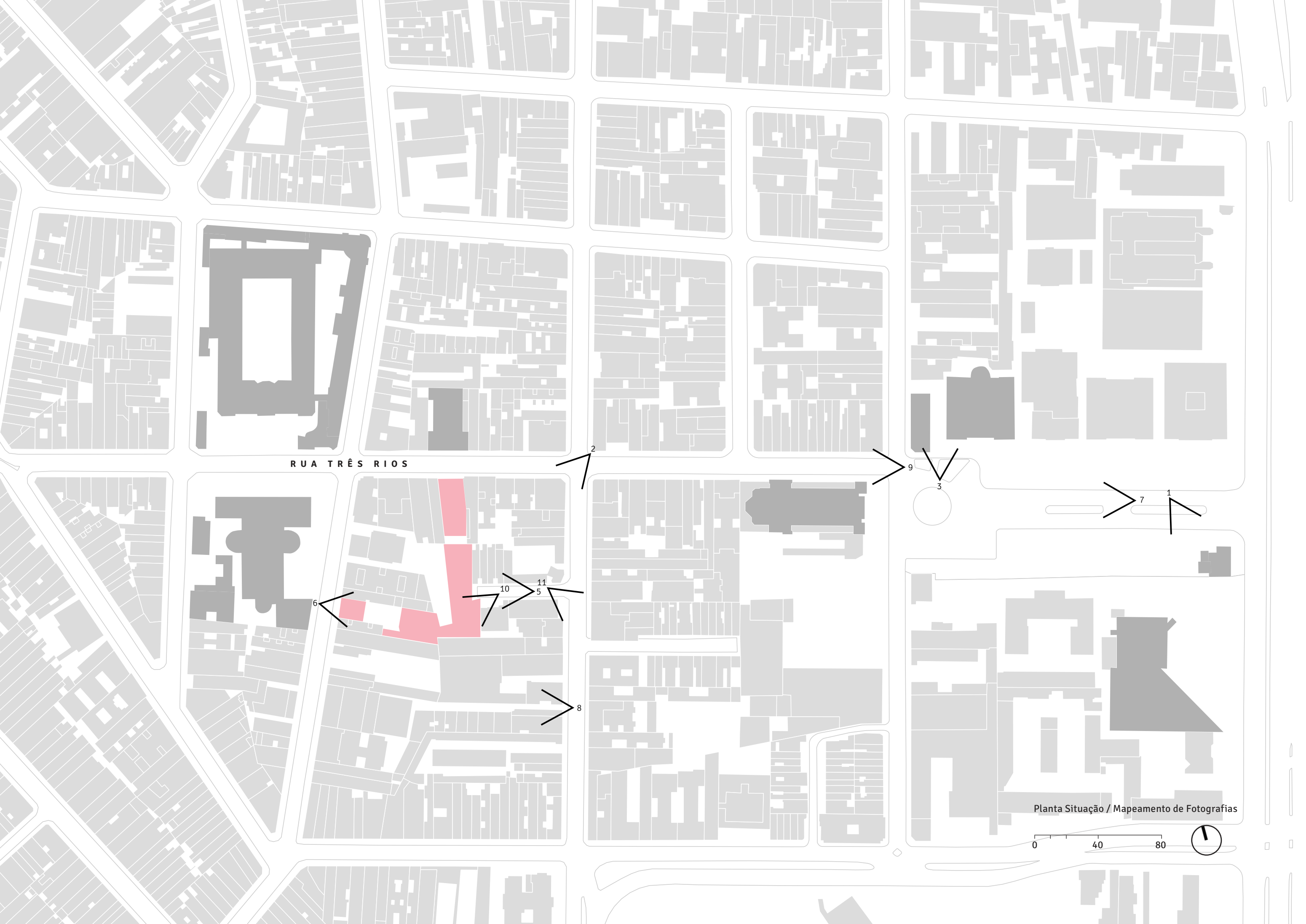
Renan Luis Prado Ferreira

orientação
Marta Bogéa

Junho de 2019

Caderno 2

Planta Situação / Mapeamento de Fotografias	03
Planta Implantação	04
Planta Térreo	05
Planta 1º Pavimento	06
Planta 2º Pavimento	07
Corte AB	08
Corte CD	09
Corte EF	10
Perspectiva Isométrica	11
Perspectiva A	12
Perspectiva B	13
Perspectiva C	14



RUA TRÊS RIOS

6

10

11

5

8

2

9

3

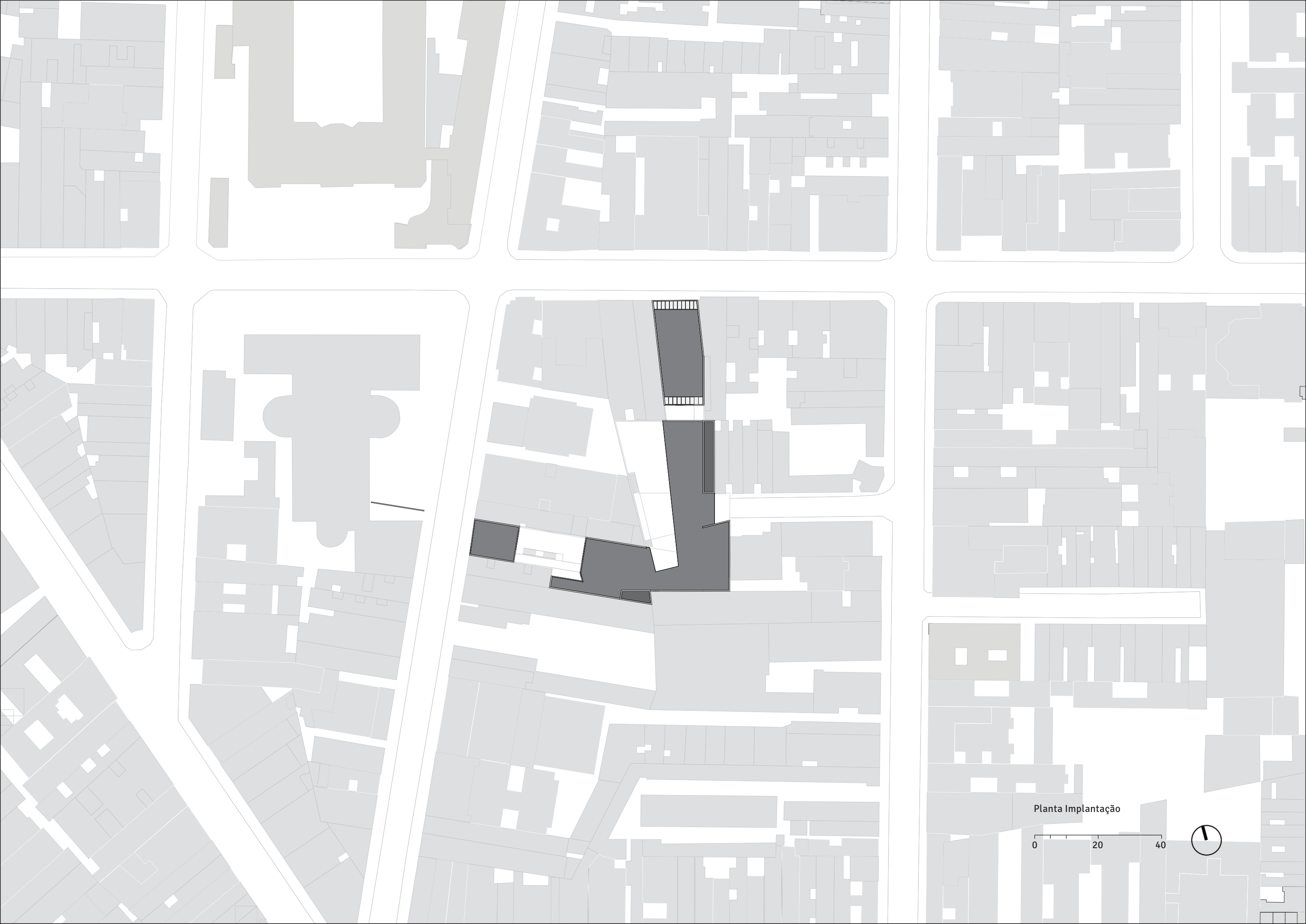
7

1

Planta Situação / Mapeamento de Fotografias

0 40 80

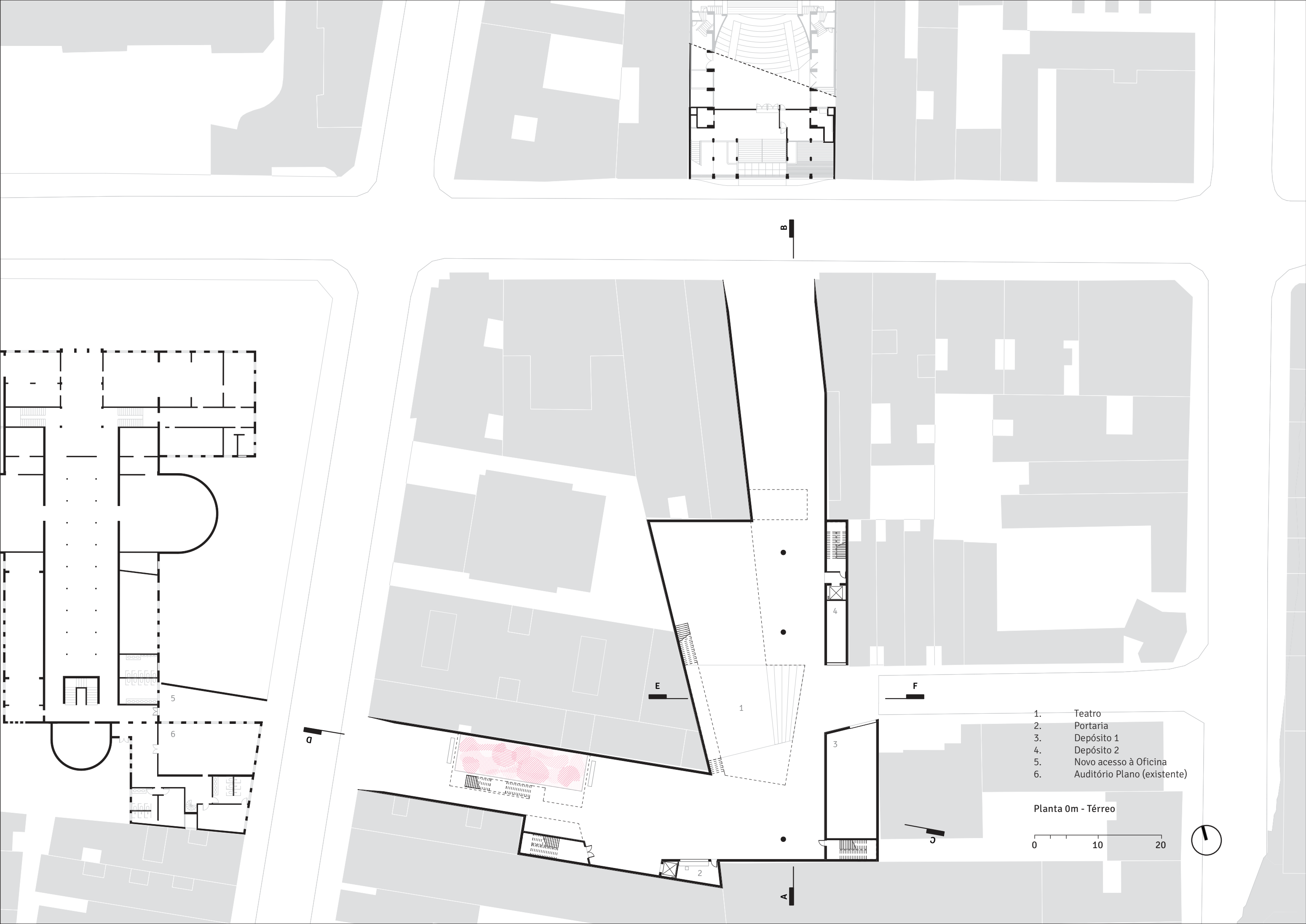




Planta Implantação

0 20 40





- 1. Teatro
- 2. Portaria
- 3. Depósito 1
- 4. Depósito 2
- 5. Novo acesso à Oficina
- 6. Auditório Plano (existente)

Planta 0m - Térreo

0 10 20



B

F

A

a

E

1

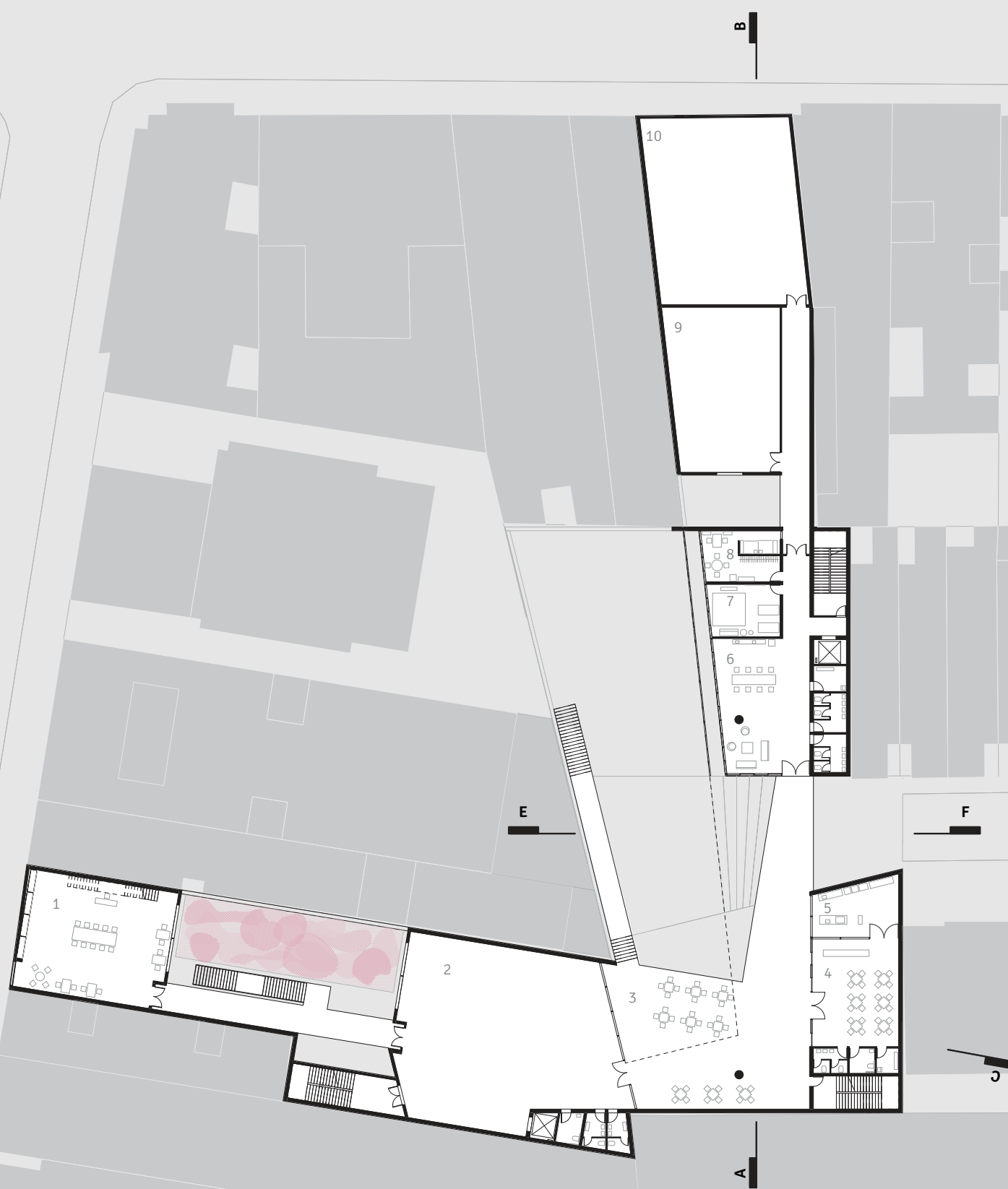
4

3

2

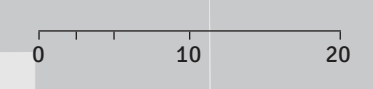
5

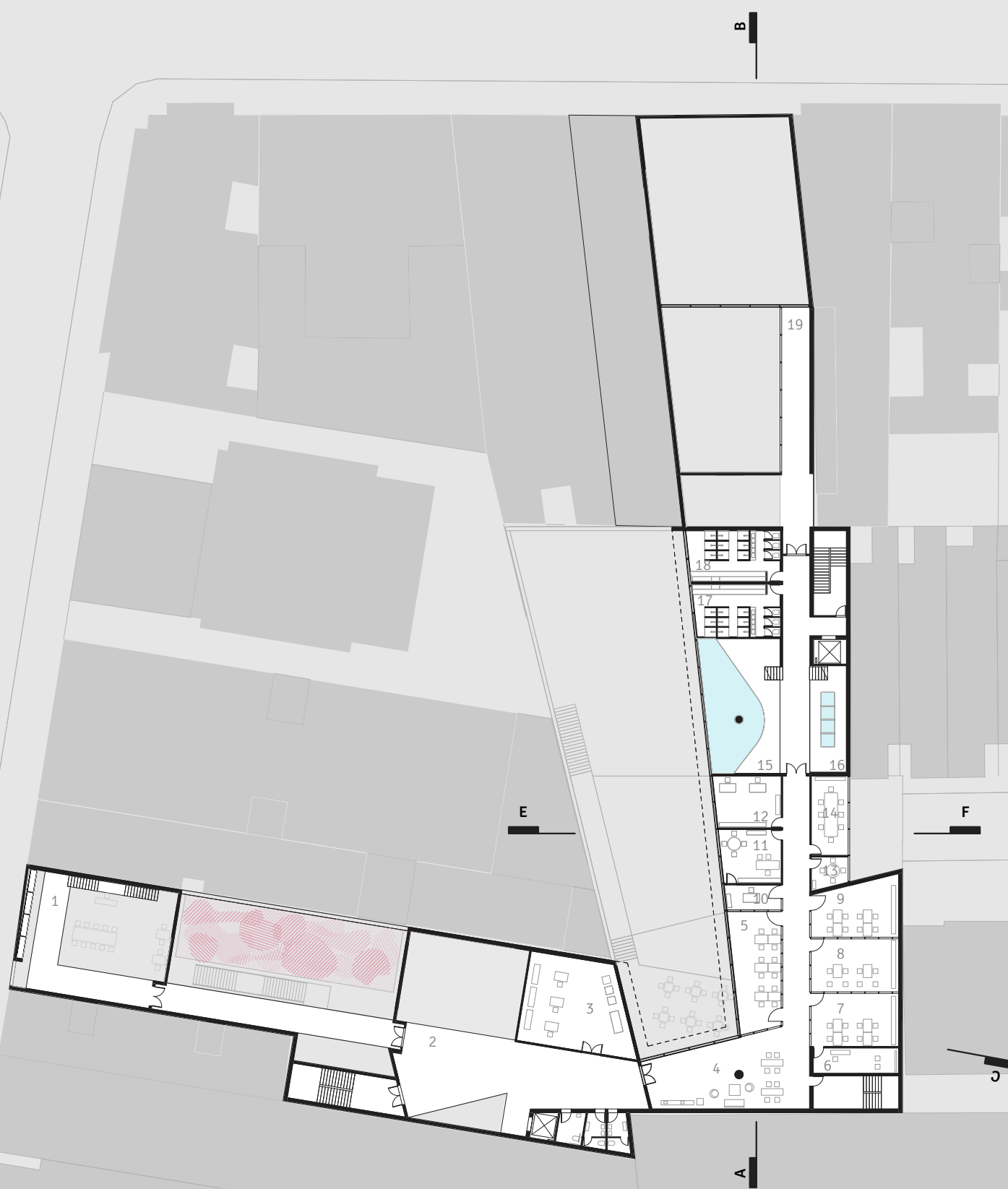
6



- 1. Biblioteca
- 2. Exposição
- 3. Mezanino Teatro
- 4. Refeitório
- 5. Cozinha
- 6. Convívio Bailarinos
- 7. Fisioterapia
- 8. Professores
- 9. Ensaio 1
- 10. Ensaio 2

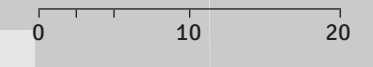
Planta +5,30m - 1º Pavimento

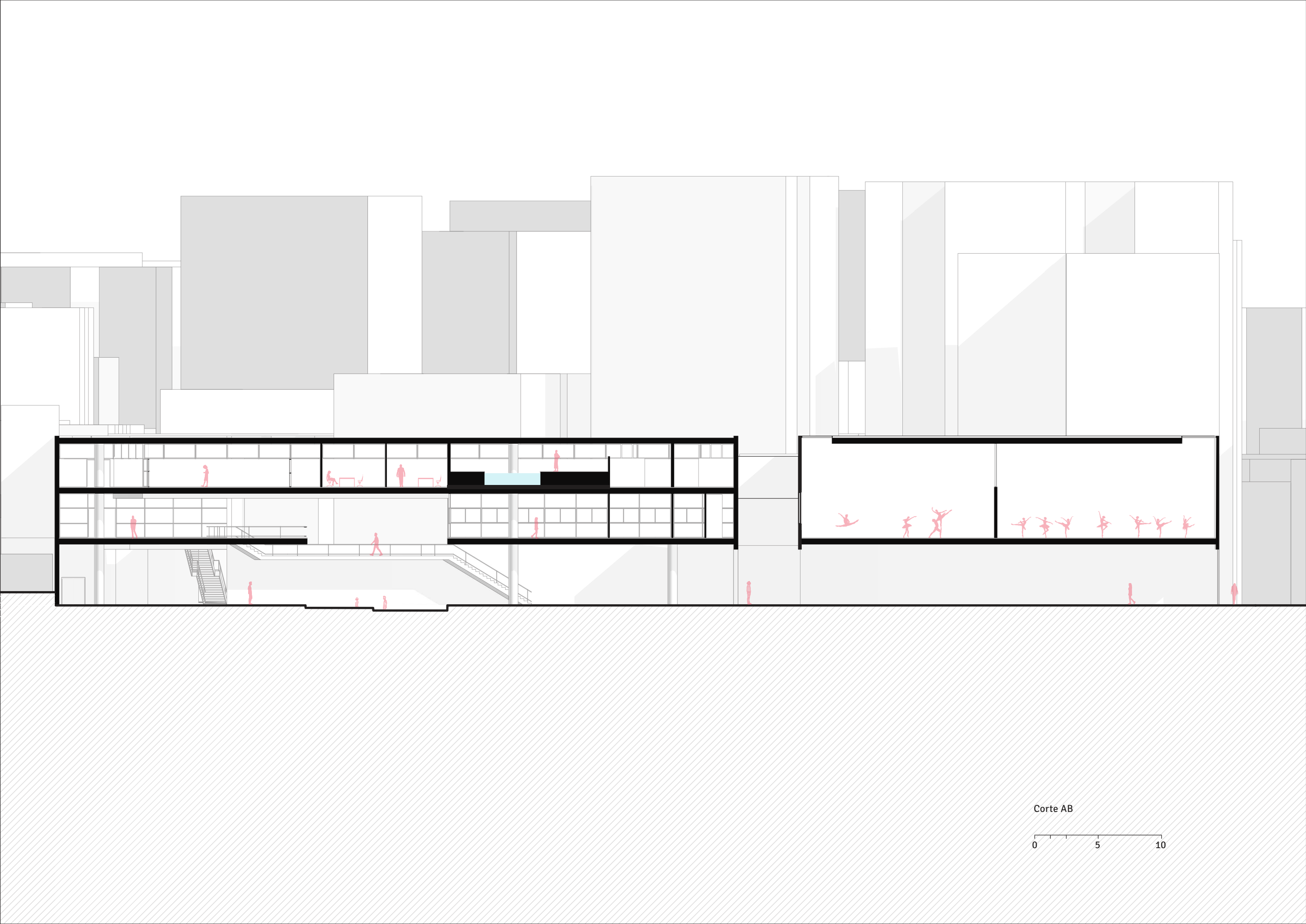




- 1. Mezanino Biblioteca
- 2. Mezanino Exposição
- 3. Confecção de Figurinos / Lavanderia
- 4. Convívio Funcionários
- 5. Educativo e Comunicação
- 6. Estúdio
- 7. Memória
- 8. Produção
- 9. Financeiro
- 10. Assistência de Direção
- 11. Direção
- 12. Superintendência
- 13. Reunião 1
- 14. Reunião 2
- 15. Piscina Aquecida
- 16. Piscina Gelo
- 17. Vestiário 1
- 18. Vestiário 2
- 19. Mezanino Ensaio

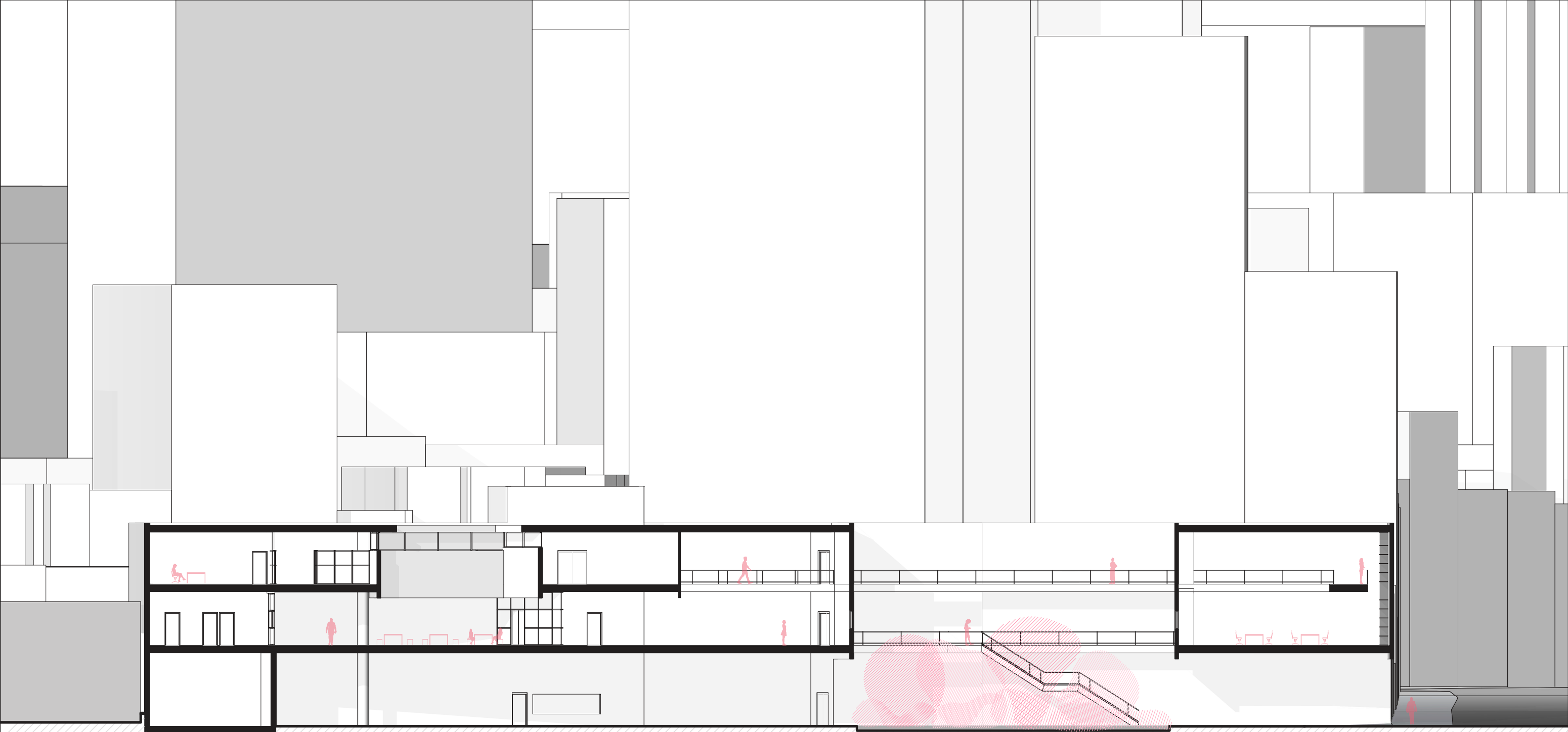
Planta +9,30m - 2º Pavimento



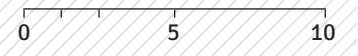


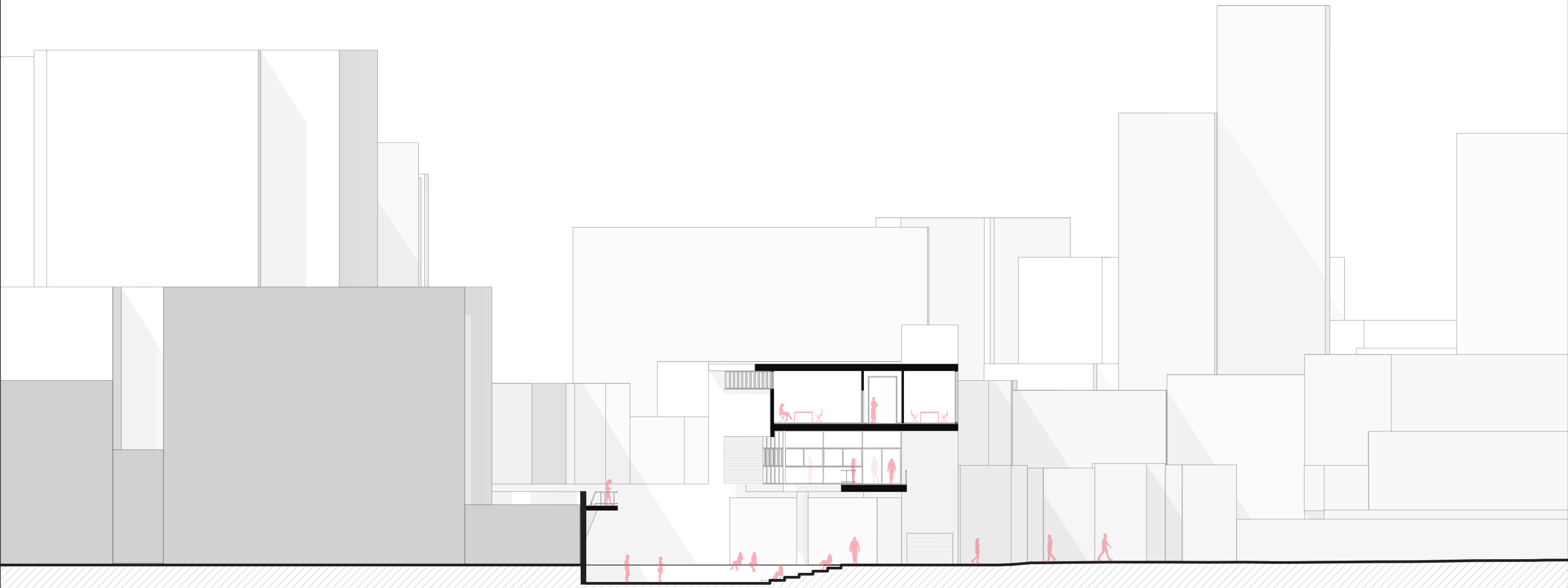
Corte AB

0 5 10

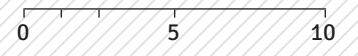


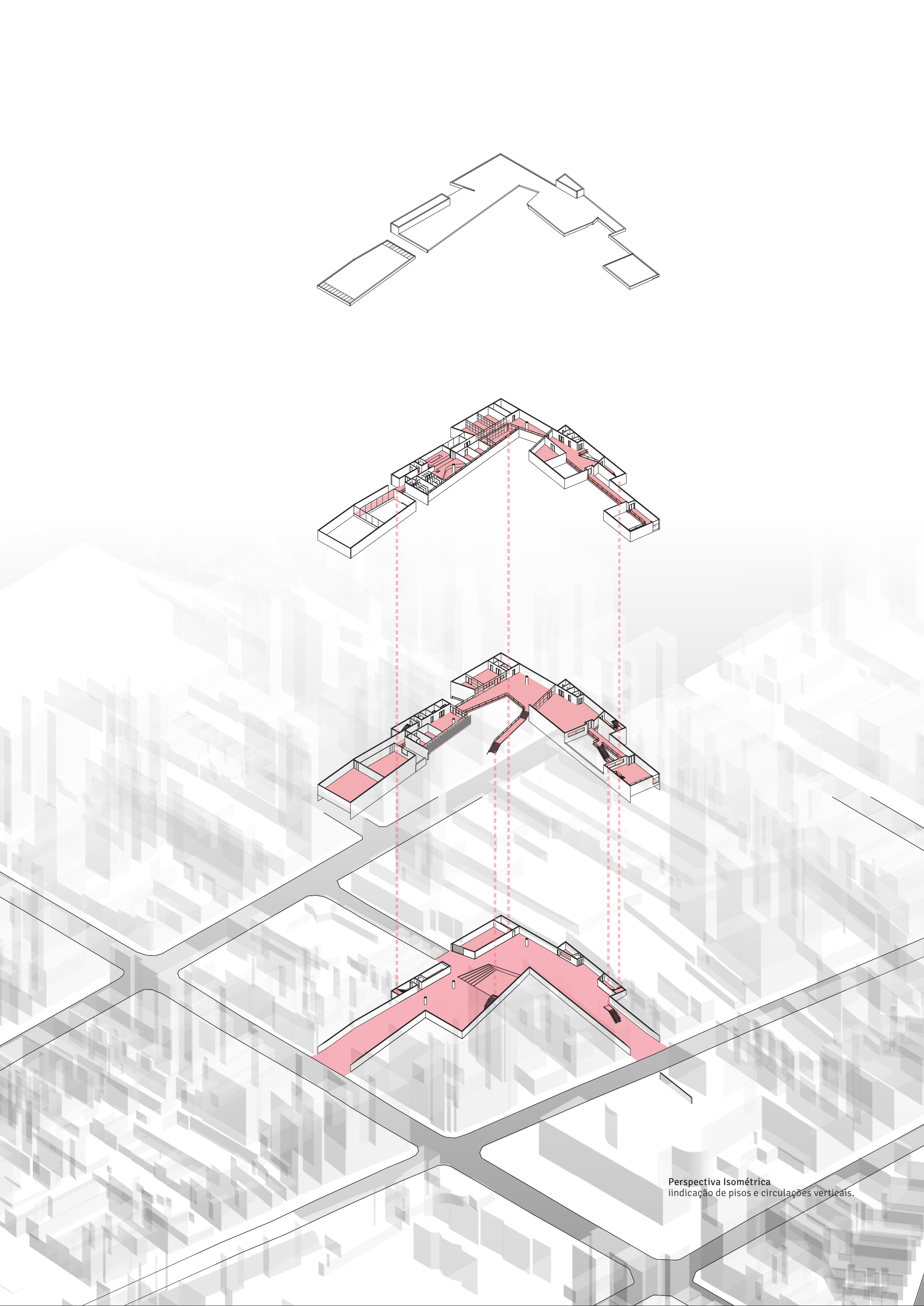
Corte CD



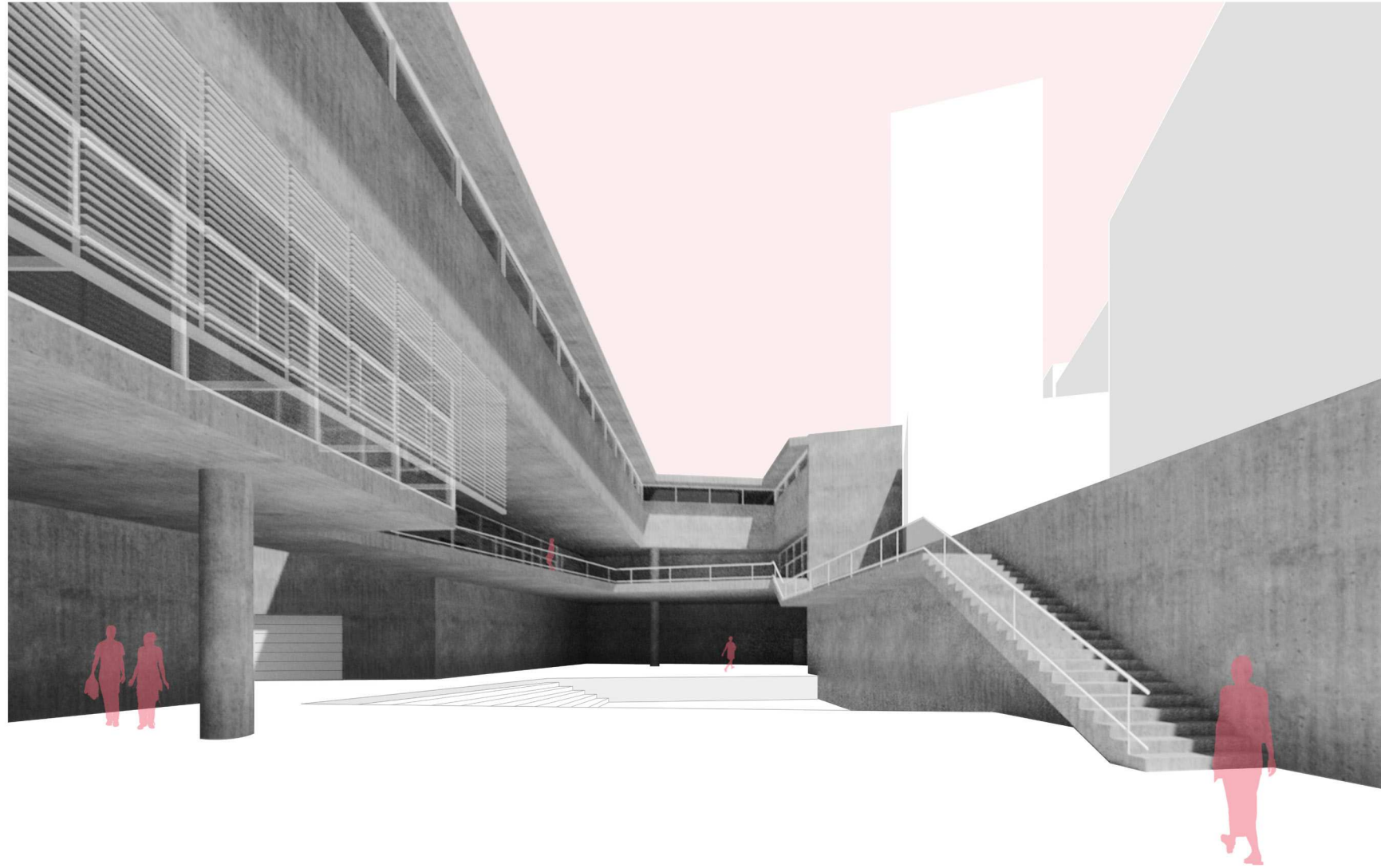


Corte EF

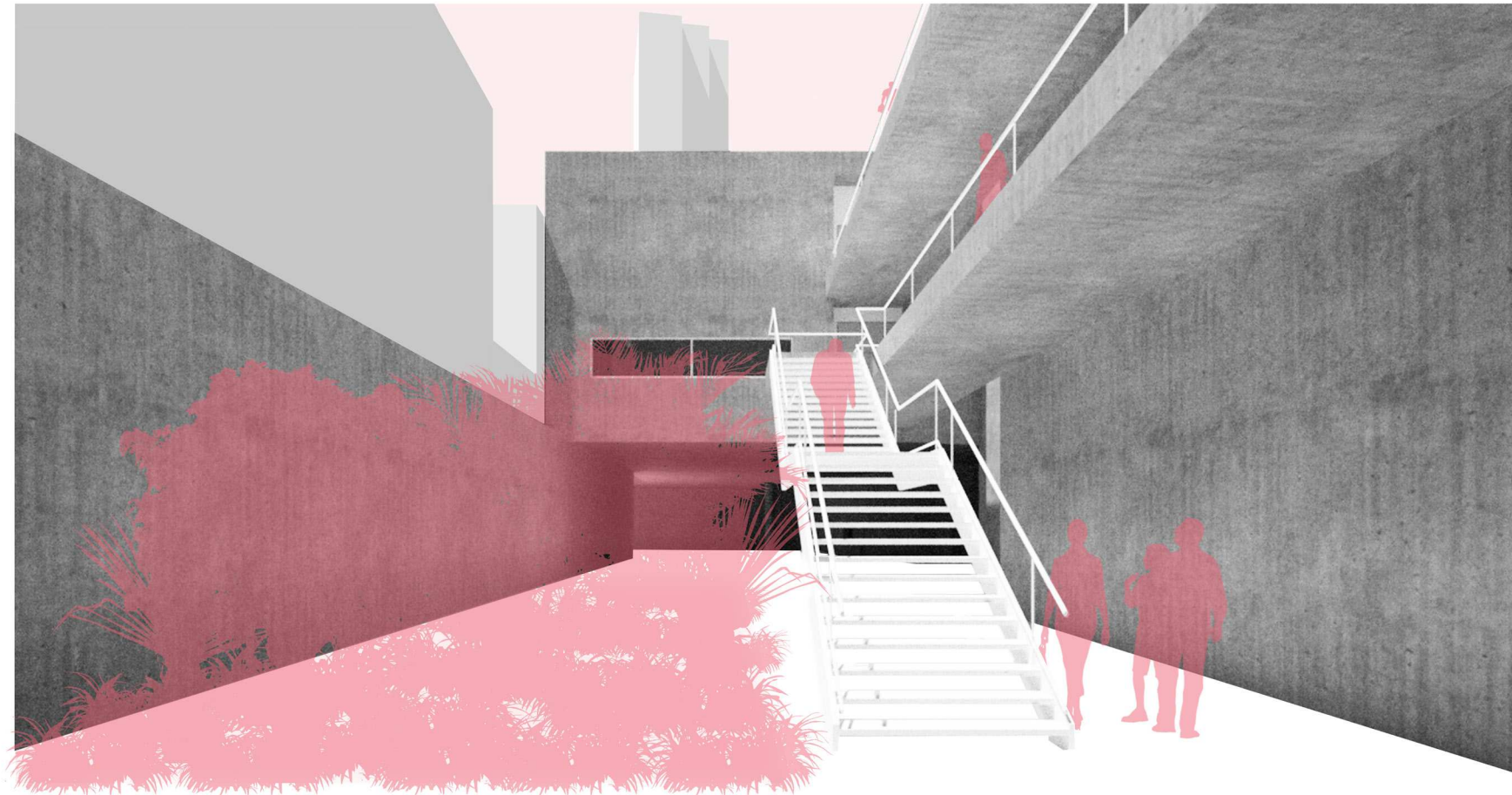




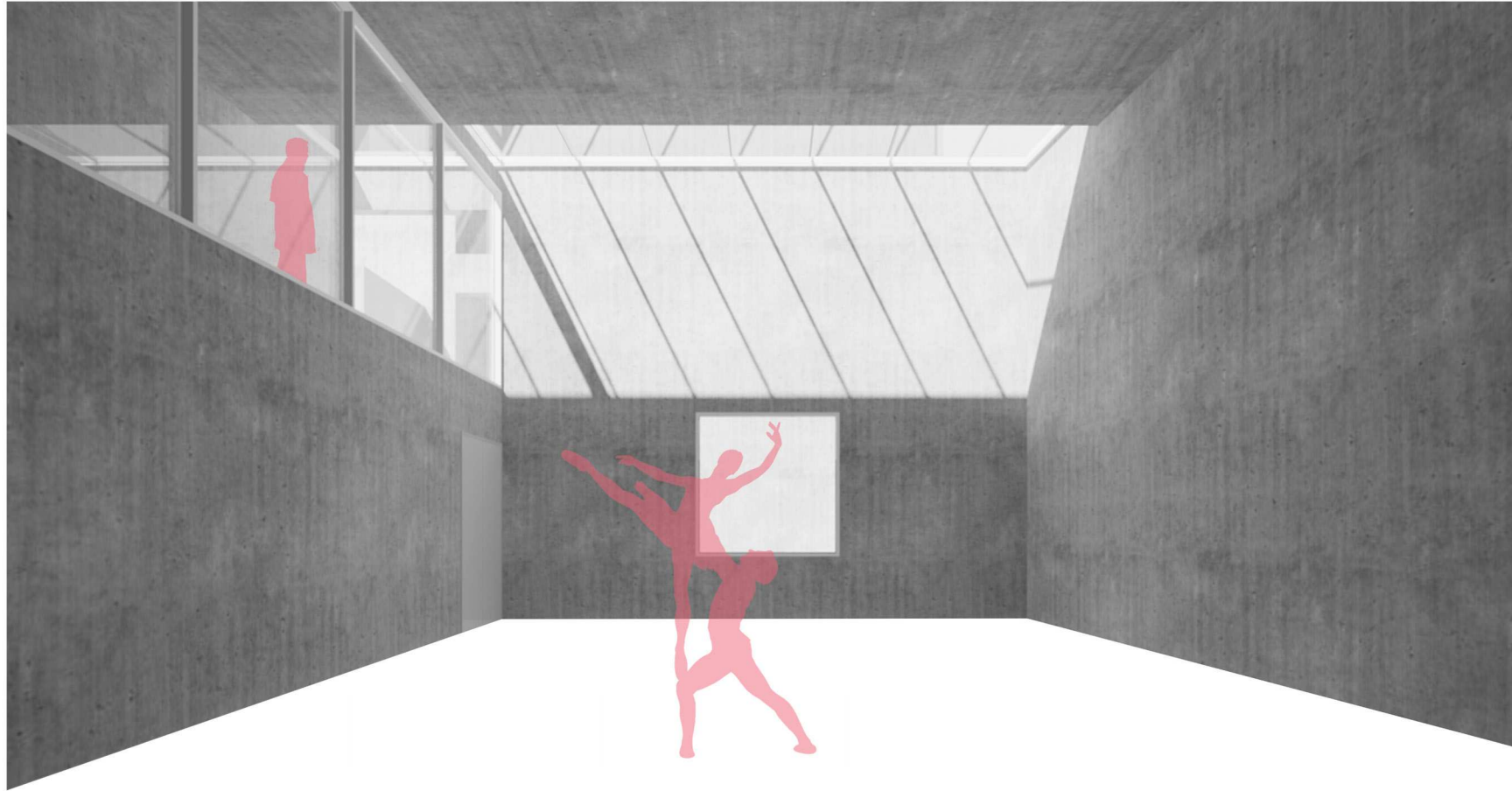
Perspectiva Isométrica
indicação de pisos e circulações verticais.



Perspectiva A
Vazio Central



Perspectiva B
Acesso para Exposição e Biblioteca



Perspectiva C
Sala de Ensaio 1